

SÔNIA MARIA FERNANDES GREGÓRIO

**PROJETO ENTREVISTA: uma alternativa de letramento por meio de
gêneros discursivos**

**ASSIS
2018**

SÔNIA MARIA FERNANDES GREGÓRIO

**PROJETO ENTREVISTA: uma alternativa de letramento por meio de
gêneros discursivos**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de mestra em Letras (Área de Conhecimento: Linguagens e Letramentos)

Orientadora: Prof.^a Dra. Assunção Aparecida Laia Cristovão

Bolsista: Capes

ASSIS
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

B821p

Gregório, Sônia Maria Fernandes

Projeto entrevista: uma alternativa de letramento por meio de gêneros discursivos / Sônia Maria Fernandes Gregório. Assis, 2018.

149 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientador: Dr^a Assunção Aparecida Laia Cristovão

1. Letramento. 2. Entrevistas. 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 4. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovich), 1895-1975. I. Título.

CDD 370.193

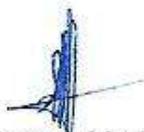
SONIA MARIA FERNANDES GREGÓRIO

**PROJETO ENTREVISTA: uma alternativa de letramento por
meio de gêneros discursivos**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Profissional em Letras (Área de Conhecimento: Linguagens e Letramentos)

Data da Aprovação: 26/02/2018

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Profa. Dra. Assunção Aparecida Laia Cristovão - UNESP/ARARAQUARA



Membros: Profa. Dra. Ana Carolina Sperança Criscuolo - UNESP/ARARAQUARA



Profa. Dra. Ana Lúcia Furquim Campos Toscano - UNI-FACEF/FRANCA

Dedico este trabalho primeiramente a minha família, em especial ao meu esposo Luciano Adolfo Gregório, que soube compreender minhas ausências com amor; a minha querida mãe D. Zulmira Zuliani Fernandes, pelo apoio incondicional a qualquer tempo; a minha irmã Estela Fernandes Soares, pelo incentivo e carinho; aos meus queridos alunos, que embarcaram comigo neste projeto; aos idosos do Lar Santa Teresa de Jornet, pela confiança; aos professores do mestrado pelo comprometimento; aos colegas de turma pela parceria e, finalmente, a Deus, que me guia com tanta ternura pelos caminhos da vida e me sopra ânimo e coragem para continuar seguindo...

A todos, minha gratidão.



AGRADECIMENTOS

Ao Ministério da Educação, que por meio da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), possibilitou a realização deste curso de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - Linguagens e Letramentos.

À Profa. Dra. Assunção Aparecida Laia Cristovão, minha orientadora, pela participação direta na concretização de mais uma conquista acadêmica.

Aos colegas de turma, Adalberto Mesaque, Fabiana Benicá e Karen Leonel, que se tornaram amigos ao longo da caminhada.

Muito obrigada.

*Obrigada pela minha voz
Mas também pela sua voz
Pela voz que canta
Que ama, que ensina, que alfabetiza,
Que trauteia uma canção
E que o Teu nome profere com sentida emoção!*
(Poema de Gratidão - Amélia Rodrigues)

*A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual,
por trás da mão que pega o lápis,
dos olhos que olham,
dos ouvidos que escutam
há uma criança que pensa.*
(Emília Ferreiro)



GREGÓRIO, Sônia Maria Fernandes. **PROJETO ENTREVISTA: uma alternativa de letramento por meio de gêneros discursivos**. 2018. 149 f. (Dissertação em Mestrado Profissional em Letras). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

O presente trabalho objetivou aplicar uma sequência de atividades com foco no gênero discursivo entrevista, que é visto de maneira superficial no Currículo do Estado de São Paulo do Ensino Fundamental, apenas como subsídio para o gênero reportagem. Por isso a proposta foi ampliar e inovar o currículo por meio do desenvolvimento de um projeto de letramento, aplicado, através de uma sequência didática, atividades organizadas e dirigidas para análise do gênero, culminando em uma entrevista com interlocutores reais em um contexto real de comunicação, possibilitando, assim, que a aprendizagem ocorresse através do processo e não apenas do resultado. Para tanto, o projeto propôs aos alunos do 7º ano de uma escola pública estadual de Ourinhos-SP uma visita ao lar de idosos da cidade para uma entrevista, possibilitando, através da prática, compreender a função social do gênero em estudo e, dessa forma, tornar mais significativo e atrativo o processo de ensino-aprendizagem por meio de gêneros discursivos. Observou-se, pois, que os projetos de letramento são alternativas produtivas, uma vez que trabalham a língua materna com vistas ao social, conectando o ensino escolar à prática e desenvolvendo habilidades de leitura e escrita para a vida e a cidadania; de modo que a escola, principal agência de letramento, por meio de seus professores e estratégias responsivas, tenha papel fundamental na formação social do aluno. Os pressupostos teóricos que sustentam essa investigação baseiam-se em estudos sobre letramentos (Kleiman, 1995; Soares, 1998; Mortatti, 2004; Street, 2014); no trabalho com a pedagogia de projetos (Dewey, 1947, apud Cunha, 2011) e na teoria sobre gêneros discursivos (Bakhtin, 2016; Fiorin, 2017). O desenvolvimento desse estudo pautou-se na abordagem metodológica da pesquisa qualitativa e, como esta compreende uma parte prática, a pesquisa adquiriu também caráter aplicado, seguindo o modelo da pesquisa-ação (Telles, 2002), envolvendo interesses e conhecimentos construídos no interior da realidade que foi objeto de estudo. Por fim, os resultados alcançados com a aplicação do projeto foram divididos em três dimensões: a primeira diz respeito ao engajamento do aluno e o desenvolvimento do trabalho coletivo; a segunda concentrou-se na ampliação do conhecimento acerca do gênero discursivo entrevista, sua compreensão estrutural e função social; a terceira ficou em torno do tema sobre idosos, a discussão sobre o espaço desses cidadãos na sociedade, o exercício de alteridade e o respeito ao próximo, enfatizando, além do estudo da Língua Portuguesa, o trabalho social e crítico, fundamentais para a ação do indivíduo no mundo.

Palavras-chave: Letramento. Entrevistas. Língua portuguesa - Estudo e ensino. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovich), 1895 -1975.

GREGORIO, Sônia Maria Fernandes. **INTERVIEW PROJECT: an alternative of literacy through discursive genres**. 2018. 149 f. (Dissertation in Professional Master's Degree in Letters). State University of São Paulo (UNESP), Faculty of Sciences and Letters, Assis, 2018.

ABSTRACT

The present work aimed to apply a sequence of activities focused on the discursive genre interview, which is seen in a superficial way in the State of São Paulo Curriculum of Elementary School, only as a subsidy for the genre reporting. Therefore, the proposal was to expand and innovate the curriculum through the development of a literacy project, applied through a didactic sequence, organized activities and directed to gender analysis, culminating in an interview with real interlocutors in a real context of communication, thus enabling learning to occur through the process and not just the result. To this end, the project proposed to the students of the 7th year of a state public school in Ourinhos-SP a visit to the nursing home of the city for an interview, making possible, through the practice, to understand the social function of the study genre and, in this way, to make the teaching-learning process more meaningful and attractive through discursive genres. It was observed, therefore, that literacy projects are productive alternatives, since they work in the mother tongue with a view to the social, connecting school teaching to practice and developing reading and writing skills for life and citizenship; so that the school, the main literacy agency, through its teachers and responsive strategies, plays a fundamental role in the social formation of the student. The theoretical assumptions that support this research are based on studies on literacies (Kleiman, 1995, Soares, 1998, Mortatti, 2004, Street, 2014). in the work with the pedagogy of projects (Dewey, 1947, apud Cunha, 2011) and in the theory on discursive genres (Bakhtin, 2016 and Fiorin, 2017). The development of this study was based on the methodological approach of the qualitative research, and since it comprises a practical part, the research also acquired an applied character, following the action research model (Telles, 2002), involving interests and knowledge built within the reality that was the object of study. Finally, the results achieved with the implementation of the project were divided into three dimensions: the first concerns student engagement and the development of collective work; the second focused on expanding knowledge about the discursive genre interview, its structural understanding and social function; the third was about the topic of the elderly, the discussion about the space of these citizens in society, the exercise of alterity and respect for others, emphasizing, besides the study of the Portuguese language, social and critical work, fundamental for the action of the individual in the world.

KEYWORDS: Literature. Interviews. Portuguese language - education. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovich), 1895 -1975.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	p.11
1.1 Objetivos.....	p.15
1.2 Justificativa.....	p.16
1.3 Metodologia.....	p.23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	p.26
2.1 Pedagogia de Projetos: uma filosofia.....	p.26
2.2 Projeto: uma alternativa para sala de aula.....	p.28
2.3 Letramento no Brasil: um conceito em construção.....	p.31
2.4 Letramento escolar e letramento social.....	p.34
2.5 Bakhtin: gêneros discursivos.....	p.37
2.6 Dialogismo: discurso e interação.....	p.41
2.7 Entrevista: o gênero do diálogo.....	p.43
3. ATIVIDADES PROPOSTAS.....	p.49
3.1 Contextos.....	p.49
3.2 Sequência Didática.....	p.52
3.3 A SD Entrevista comentada: passo a passo.....	p.54
3.4 Analisando os resultados.....	p.86
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.95
REFERÊNCIAS.....	p.98
ANEXOS.....	p.101

1. INTRODUÇÃO

Os gêneros discursivos estão em toda a parte, sejam orais ou escritos, formais ou informais, nos mais diversos suportes, com as mais variadas funções. Seja para reclamar, só para avisar, para dizer que ama, contar um fato qualquer, divulgar um novo produto. A frequência com que recorremos a eles é tanta, que acabamos nem percebendo que estão à nossa disposição para atender nossa comunicação. Há mais de duas décadas o ensino de Língua Portuguesa está focado nos gêneros discursivos, dando ênfase à interação social, que visa desenvolver a habilidade de interação linguística por meio de textos, nas situações de produção e recepção que circulam no cotidiano, permitindo desenvolver a competência discursiva e promovendo o letramento.

Desse modo, os textos surgem na sociedade pertencendo a diferentes categorias ou gêneros discursivos que relacionam os enunciados com atividades sociais específicas. O estudo dos gêneros, então, não se justifica somente para pensarmos em inúmeras características que compõem um modelo que deve ser seguido, mas consiste em compreender como esse texto funciona em sociedade e de que forma ele deve ser produzido e utilizado para atingir determinado objetivo.

O intuito deste trabalho com foco em gêneros discursivos é reconhecer a língua como atividade social, como espaço de interação entre as pessoas em um dado contexto comunicacional, tendo como eixo central do sistema linguístico a enunciação e sua compreensão em função das relações que cada sujeito mantém com seu meio. É certo que para o trabalho com gêneros discursivos faz-se necessário que se compreenda tanto as características estruturais do texto como as condições sociais de produção para podermos refletir sobre sua adequação e funcionalidade. Por exemplo, se abordarmos a esfera do trabalho em uma aula de Língua Portuguesa, vários gêneros como o currículo *vitae*, o anúncio de jornal, a entrevista de emprego, a carta de apresentação etc., poderão ser trabalhados, não podendo deixar de se discutir questões ligadas ao tema, como o desemprego, o primeiro emprego, a competitividade, a importância do trabalho na sociedade. O trabalho com gêneros discursivos, portanto, requer mais que analisar os fenômenos linguísticos e formais do texto.

Assim, a escola deve ser vista como espaço de letramento¹ e o ponto de partida deve ser o ensino através da prática social. Atualmente, é muito comum lermos manchetes a respeito do nível de letramento dos brasileiros em atividades relacionadas à leitura e escrita do dia a dia e nas relações de trabalho, como os exemplos a seguir retirados de jornais impressos e digitais brasileiros:

“Muitos brasileiros não entendem tudo o que leem, diz estudo.”

“Brasil é o 8º país com maior número de analfabetos adultos, diz Unesco.”

“Fracasso na alfabetização é culpa da escola e não do aluno, diz pesquisador.”

“75% dos brasileiros não sabem ler nem escrever de modo minimamente satisfatório.”

“Maioria dos alunos brasileiros não sabe fazer conta nem entende o que lê.”

Outras tantas notícias sobre educação apontam problemas no ensino, principalmente na questão de alfabetização e letramento. Não é raro encontrarmos dados que mostram o Brasil muito aquém do esperado em pesquisas educacionais de nível internacional, pois as políticas públicas ao longo dos anos não têm tido ênfase para alcançar índices satisfatórios. Essa defasagem reflete-se na vida do brasileiro no campo social e profissional, já que ler e escrever são requisitos mínimos para exercer plenamente diversas e inúmeras tarefas do dia a dia. Observe que o peso recai sobre a escola, que não é a única, mas é a principal agência de letramento e, conseqüentemente, preocupa os profissionais da educação, que possuem a árdua tarefa do ensino para a cidadania, pois o que se espera é que os alunos sejam mais conscientes das habilidades e competências da leitura e escrita para a vida em sociedade.

A 5ª edição do INAF – Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, realizada em 2005, teve como foco, pela terceira vez, as habilidades e práticas de leitura e escrita da população jovem e adulta, verificando sua evolução em relação a 2001 e 2003, quando o mesmo estudo foi realizado. O objetivo da pesquisa do INAF era:

Oferecer informação qualificada para que a sociedade e os governos possam avaliar a situação da população quanto a um dos principais resultados da educação escolar: a capacidade de acessar e processar informações escritas como ferramenta para enfrentar as demandas cotidianas, para informar-se e seguir aprendendo ao longo da vida. (INAF Brasil, 2005)

Segundo os dados obtidos na pesquisa em 2005, apenas 26% da população tinham domínio pleno das habilidades, melhorando no nível básico de leitura. Com base nos resultados do teste de leitura, o INAF Brasil classifica a população estudada em quatro níveis:

Analfabeto – Não consegue realizar tarefas simples que envolvem decodificação de palavras e frases.
Alfabetizado Nível Rudimentar – Consegue ler títulos ou frases, localizando uma informação bem explícita.
Alfabetizado Nível Básico – Consegue ler um texto curto, localizando uma informação explícita ou que exija uma pequena inferência.
Alfabetizado Nível Pleno – Consegue ler textos mais longos, localizar e relacionar mais de uma informação, comparar vários textos, identificar fontes.

Fonte: INAF 2005

Nos anos anteriores, 2001 e 2003, o teste realizado levou em conta os mesmos critérios apresentados no quadro acima e os testes foram parecidos, de modo que podemos observar que houve uma pequena evolução dos dados nas habilidades de leitura e escrita.

Evolução dos níveis de alfabetismo – Leitura e escrita				
2001 a 2005				
	2001	2003	2005	D Diferença 2001 - 2005
Analfabeto	9%	8%	7%	- 2pp
Analfabeto Nível Rudimentar	31%	30%	30%	- 1pp
Alfabetizado Nível Básico	34%	37%	38%	+ 4pp
Alfabetizado Nível Pleno	26%	25%	26%	-

Fonte: INAF Brasil, 2005

Nesta próxima tabela estão os resultados obtidos na pesquisa com a população jovem do Brasil, de 15 a 24 anos de idade:

Jovens entre 15 e 24 anos			
	Concluíram o 9º ano	Atingiram o Nível Básico de alfabetização	Atingiram o Nível Pleno de Alfabetização
2001	57%	40%	38%
2002	63%	42%	39%
2003	67%	42%	38%

Fonte: INAF Brasil, 2005

Os dados confirmam que o número de pessoas que concluíram o ensino fundamental de 9 anos aumentou, porém os resultados alcançados ainda são insuficientes, haja vista que os percentuais dos níveis básico e pleno de alfabetização, entre 2001 e 2003, quase não se alteraram, indicando que a qualidade, além da quantidade de alunos nas escolas, precisa de melhora.

É certo que a escola não é a única, mas é a principal agência de letramento, ou seja, ensina a escrita para o uso social, por isso é bastante cobrada para formar alunos que leiam e escrevam com proficiência, e assim, além das políticas públicas, necessita encontrar maneiras diversas, por meio do professor também, de tornar o aprendizado significativo e, por esta razão, mais eficaz. Há diversas alternativas: reforço, hora de estudo, simulados, olimpíadas, aulas de produção textual e outras tantas que são postas em prática pelas escolas públicas do país, com resultados variados. O importante é encontrar aquela que faça diferença na nossa comunidade escolar, aquela que é abraçada pelos alunos e colegas de trabalho. A nossa motivação foi priorizar o ensino-aprendizagem de modo mais real, que o trabalho com projetos possibilita, podendo ser grandes ou pequenos, envolvendo poucas ou muitas pessoas, de curto ou longo prazo, de diversos temas e com diferentes objetivos, mas precisam ser nosso, ou seja, priorizando temas que interessam a todos, que agreguem valor à comunidade escolar e tragam resultados positivos.

Este projeto foi realizado com foco no gênero discursivo entrevista, em parceria com alunos dos 7^{os} da Escola Estadual Dalton Morato Villas Boas e os idosos moradores do Lar Santa Teresa de Jornet, de Ourinhos, estado de São Paulo.

1.1 Objetivos

Objetivo geral – Aplicar um projeto como alternativa de letramento, tendo como foco o ensino do gênero entrevista através do processo, culminando numa produção escrita com interlocutores reais.

Objetivos específicos:

→ Expor os alunos em situações autênticas de comunicação social por meio de gênero discursivo;

→ Realizar atividades que se distanciem de modelos didáticos prontos que não tenham relação com o mundo social;

→ Refletir sobre a prática docente e suas estratégias no trabalho com projetos de letramento;

→ Analisar a ação discente no trabalho com projetos de letramento e suas etapas de elaboração;

→ Motivar nos alunos a relação de autoria e autonomia em suas produções textuais;

→ Aproximar, em torno de um projeto comum, diferentes membros da comunidade escolar, como alunos, professores, parceiros;

→ Refletir como o desenvolvimento de um projeto de letramento pode contribuir para ressignificar o papel de um gênero discursivo e sua produção textual além do espaço escolar.

1.2 Justificativa

Muitas poderiam ser as justificativas em desenvolver um projeto de letramento a partir de um gênero discursivo, por exemplo, a falta de relação entre realidade, conteúdo e método, já que é possível verificar que os materiais didáticos, de modo geral, são concebidos pensando em um público-alvo idealizado. Neste trabalho, especificamente, a motivação vem da necessidade em complementar um

conteúdo abordado no 7º ano do ensino fundamental das escolas estaduais do Estado de São Paulo, com foco no gênero entrevista.

O Currículo foi implantado em 2009 e segue a Teoria da Escola de Genebra, dividindo o estudo de língua materna em tipologias textuais, trabalhando em espiral, ou seja, a cada ano/série uma tipologia é contemplada e seus respectivos gêneros são estudados, sendo, no 6º ano, abordada a tipologia do narrar, contemplando, ao longo dos bimestres, gêneros como a fábula, o apólogo, o conto, a crônica narrativa, o romance e novela, estes últimos através de fragmentos. No 7º ano a tipologia é a do relatar e os gêneros textuais contemplados são o relato de experiência, a biografia e autobiografia, o diário, a carta, a notícia, a entrevista e reportagem. Já no 8º ano são trabalhadas, simultaneamente, duas tipologias - a prescritiva e a injuntiva, e os gêneros vistos são receita culinária e médica, bula, manual de instrução, regras de jogo, anúncios publicitários de várias mídias. Finalmente, no 9º ano, são estudados os gêneros textuais da tipologia do expor – verbetes, textos de divulgação científica, exposições orais – e a argumentativa – artigo de opinião, resenha crítica, debate regrado, carta do leitor. O conteúdo, desse material vem dividido em dois cadernos, volume 1 e 2, tendo o aluno o próprio material consumível e o professor seu caderno comentado, que devem ser usados concomitantemente.

O Caderno divide-se em Situações de Aprendizagem, sendo que a analisada será um recorte da 7ª situação - Proposta de Produção Escrita de Notícias e Reportagens - que contempla o gênero entrevista de maneira muito superficial, apenas como subsídio para selecionar temas para a produção de notícias e reportagens. O item é tratado como um questionário, em que outras pessoas, familiares ou colegas sugerem o tema que querem ler em uma notícia de jornal.

Depois de realizada a entrevista/questionário, os resultados são tabulados e o tema com maior recorrência deverá ser o tratado na notícia de jornal produzida a seguir. Observemos: nenhum exemplo de entrevista é dado, nem sobre linguagem, estrutura ou função social, ou seja, o gênero entrevista não é trabalhado de modo que o aluno acompanhe o processo de produção e o compreenda. Embora haja um interlocutor real com quem o aluno interage, a finalidade é encontrar um tema para a notícia, que é o gênero foco desta situação. A atividade não suscita nenhuma

discussão sobre a entrevista, que é um gênero muito comum no dia a dia, uma vez que sua circulação acontece em diversos suportes, em variadas situações de comunicação e por intenções diferentes. Observando as páginas 52, 53, 54 e 55 a seguir, do caderno do aluno volume 2, podemos verificar que a Situação de Aprendizagem é dividida em tópicos: produção escrita 1 (questionário/ entrevista), pesquisa em grupo (tabulação de resultados), produção escrita 2 (notícias), sendo que no material do aluno do 7º ano, durante todo o ano, incluindo o caderno volume 1, esta é a única vez em que o gênero entrevista é trabalhado e, como dito antes, de maneira fragmentada, com caráter de questionário e para subsidiar um outro gênero discursivo, ou seja, a forma, a função social e a linguagem não foram investigadas.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 7

PROPOSTA DE PRODUÇÃO ESCRITA DE NOTÍCIAS E REPORTAGEM

Oralidade

1. Individualmente, anote em um papel pelo menos um tema que você considera importante para sua comunidade escolar e que faça jus a um dos objetivos do projeto: escrever notícias sobre acontecimentos bacanas do bairro onde você vive. Não escreva seu nome nesse papel.
2. Em seguida, coloque essa anotação na caixa de sugestões preparada pelo professor.
3. Com a orientação do professor, a turma deve escolher um representante para retirar da caixa os papéis e ler os temas em voz alta.
4. Os demais alunos tentam adivinhar quem escreveu o tema no papel e por quê. Considere as seguintes questões para realizar essa tarefa:
 - Por que você acha que determinado colega sugeriu tal tema?
 - O que o faz pensar assim?
 - O que você conhece de seu colega para achar que esse tema tem relação com ele?
 - Por que você acha que esse tema é importante para seu colega?
5. O professor anotará na lousa os temas que vocês apresentaram para que possam ser analisados:
 - Os temas estão relacionados ao projeto do jornal? Como?
 - Vocês consideram que esses temas são de interesse da comunidade escolar? Por quê?
 - Na opinião da turma, quais temas seriam mais interessantes para compor o jornal?
6. Façam uma votação para selecionar de cinco a dez temas. Os mais votados servirão de base para a próxima atividade de pesquisa sobre os interesses do bairro.

Produção escrita (1)

1. Em grupo, elaborem um questionário para ser aplicado durante as entrevistas que farão com as pessoas da escola e do bairro (vizinhos da escola e de casa, colegas das outras classes, familiares, comerciantes etc.).



Modelo de roteiro para o questionário

Vocês devem ampliar este questionário com outras perguntas relacionadas aos temas que escolheram na atividade anterior.

1. Informações sobre o entrevistado

Nome:

Nível de escolaridade:

Endereço:

Profissão:

2. Questões sobre os temas

- Observando os temas aqui apresentados, quais deles você considera de seu interesse?
- Você gostaria que esses temas fossem divulgados em uma reportagem, informando as pessoas do bairro?
- Por que você gostaria (ou não) que isso acontecesse?
- O que você poderia fazer sozinho para colaborar com a reportagem que será escrita sobre o tema?
- O que você só poderia realizar com a participação de outras pessoas?

3. **Sugestões de novos temas** sobre os quais os entrevistados gostariam de ler em uma notícia de jornal ou em uma reportagem.



PESQUISA EM GRUPO

Os fatos que foram notícia também podem ser temas de reportagens. Para isso, eles devem ser investigados nas entrevistas com especialistas (por exemplo, se a reportagem for sobre uma questão ecológica, deve ser entrevistado um biólogo), em pesquisas na internet e pesquisas de campo.

Divididos em equipes de trabalho, vocês devem fazer a pesquisa de campo entrevistando pelo menos três pessoas. Sigam as orientações:

1. Escolham três pessoas (de preferência um homem, uma mulher e um adolescente) para entrevistar.
2. Preparem uma apresentação do questionário, elaborado na atividade anterior, antes de aplicá-lo. Vocês devem ter clareza do que desejam com o questionário e do que devem dizer para os entrevistados (explicar que se trata de uma pesquisa para o projeto da 6ª série/7º ano, que culminará na elaboração de um jornal).
3. Entrevistem as pessoas escolhidas, anotando ou gravando as respostas.
4. Façam uma tabulação (quadro) dos temas escolhidos pelos entrevistados:
 - Quais os temas mais comentados?
 - Quais os menos comentados ou que mobilizaram pouco interesse?

Exemplo de quadro

Nome do entrevistado	Tema 1	Tema 2	Tema 3	Tema 4	Tema 5
1.					
2.					
3.					

Principais justificativas para a escolha do tema					
Nome do entrevistado	Tema 1	Tema 2	Tema 3	Tema 4	Tema 5
1.					
2.					
3.					

Outros temas sugeridos pelos entrevistados					
Nome do entrevistado	Tema 1	Tema 2	Tema 3	Tema 4	Tema 5
1.					
2.					
3.					

Sob a orientação do professor, façam as atividades a seguir.

- Cada equipe deve apresentar, para toda a turma, a tabulação feita, comparando os resultados.
Quais temas, de maneira geral, os entrevistados consideraram mais interessantes para a divulgação em uma reportagem?
- Elaborem um novo quadro na lousa, colocando em ordem de interesse os cinco temas mais votados pelas pessoas entrevistadas.
- Sorteiem esses temas de modo que cada equipe fique responsável por um deles.

Produção escrita (2)

Em grupo, vocês devem escrever uma notícia, considerando o conhecimento que já possuem sobre esse gênero. Para a elaboração dessa notícia, levem em conta os passos a seguir:

- Planejamento.** O que pretendem, de fato, escrever sobre o tema ou o acontecimento? (Não se esqueçam de que as notícias devem ser escritas para informar fatos e acontecimentos reais.) O que precisam saber sobre o gênero para escrever essa notícia? Que título e subtítulo pretendem dar à notícia? Façam uso dos discursos direto e indireto para introduzir a fala dos entrevistados.
- Primeiro esboço.** Todos os integrantes do grupo devem participar da produção desse texto. Nesse caso, haverá um redator com a função de anotar o conteúdo ditado pelos colegas; ele os questionará sobre o que lhe parecer confuso.
- Revisão do esboço.** Os grupos trocarão os textos entre si, avaliando quanto compreenderam (ou não) do assunto noticiado. Farão anotações ao lado dos trechos que apresentaram problemas, indicando, se possível, sugestões de correção. Para isso, observem:
 - Há trechos confusos e difíceis de ser lidos?
 - Faltam explicações?
 - Os marcadores temporais e espaciais, fundamentais para a construção desse gênero textual, foram utilizados?
 - Foram utilizados os discursos direto e indireto e os sinais de pontuação necessários para introduzir os discursos na notícia?

Uma análise de alguns aspectos relevantes deste material, produzida por nós especialmente para este trabalho, segue na tabela abaixo:

CADERNO DO ALUNO 7º ANO	PLENAMENTE	SATISFATORIAMENTE	RAZOAVELMENTE	NÃO
1. Destaca, inicialmente, o objetivo específico do trabalho com o gênero entrevista?			X	
2. Conceitua as abordagens teóricas utilizadas?			X	
3. Propõe uma SD para o processo de estudo do gênero?			X	
4. A sequência de atividades propostas possibilita adaptações ao contexto da turma?		X		
5. O material, visualmente, é atrativo? Possui imagens coloridas e textos verbo-visuais complementares?				X
6. Traz exemplos do gênero entrevista para leitura e análise com variações linguísticas diversas?				X
7. Aborda características estruturais do gênero entrevista?				X
8. Possibilita trabalhar a linguagem característica deste gênero textual (modos e tempos verbais, pontuação)?			X	
9. Sugere avaliações ou produções textuais contextualizadas?			X	
10. Possui boxes ou fontes de pesquisa complementares para leitura e estudo?			X	
11. Os temas trabalhados são de interesse dessa faixa etária?			X	
12. As atividades propostas auxiliam o trabalho do professor e sua autonomia?			X	
13. O Caderno do Professor é equivalente ao Caderno do aluno?	X			

Pudemos observar a partir dos dados acima, que o material negligencia vários critérios importantes para o desenvolvimento do estudo do gênero entrevista, como o item 6 e 7, que tratam dos exemplos e análise de suas características, além da maioria dos itens serem abordados de maneira bastante superficial. Por essa razão, conhecendo o material em questão, é que fomos motivados a encontrar uma alternativa mais efetiva, sem, contudo, sair do currículo deste ano/série para abordar o gênero entrevista de modo mais completo e dinâmico, através de um projeto de letramento, tendo como foco o ensino-aprendizagem realizado em um contexto real de produção, com interlocutores reais, especificamente, os idosos moradores do lar Santa Teresa de Jornet.

1.3 Metodologia

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa, pois esse tipo de abordagem metodológica possibilita um entendimento da realidade que está sendo objeto de investigação, e também a descoberta e interpretação dos fatos que estão inseridos nessa realidade, com o intuito de buscar alternativas para o que deve ser feito; no caso desta situação específica, o desenvolvimento de um projeto de letramento com foco no gênero discursivo entrevista.

Compreende também uma parte prática a ser executada e analisada, por isso a pesquisa adquire um caráter aplicado, que envolve interesses e conhecimentos construídos a partir do processo que se dá dentro da realidade que é objeto de estudo. Caracteriza-se, ainda, uma pesquisa-ação, como trata o excerto de João A. Telles (Linguagem & Ensino, Vol. 5, No. 2 2002 (91-116):

[A pesquisa-ação] É frequentemente utilizada por um grupo de docentes ou um pesquisador trabalhando junto a esse grupo para tentar compreender, de forma sistemática e de ação planejada (a prática do cotidiano escolar, o efeito de uma determinada intervenção pedagógica, ou ainda buscar possíveis soluções para um determinado problema ou respostas de um grupo - de professores ou alunos, por exemplo) a uma determinada ação pedagógica dentro da sala de aula ou da escola. Os participantes da pesquisa têm participação ativa e determinante no movimento e direção das ações do estudo. (TELLES, 2002, p. 105).

Assim, além de uma pesquisa de caráter bibliográfico, envolvendo os estudos sobre letramentos, sobre a pedagogia de trabalho com projetos e do ensino de um gênero discursivo, temos três aspectos unidos em um projeto de letramento por meio de gênero discursivo, caracterizando a pesquisa-ação, por abordar a reflexão sobre um projeto de letramento que foi desenvolvido com a turma dos 7^{os} anos A e B do Ensino Fundamental da escola pública E.E. Dalton Morato Villas Boas, com 38 alunos regularmente matriculados. A pesquisa foi cadastrada e submetida à análise da Plataforma Brasil, especificamente à avaliação do SISNEP (Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos) sob o número CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) 65359717.0.00005401, tendo sido avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESP de Assis.

Para o desenvolvimento desta dissertação, como exposto no parágrafo anterior, fundamentamo-nos teoricamente nos estudos sobre letramentos, sobre a pedagogia de trabalho com projetos, sobre gêneros discursivos e, finalmente, sobre a junção desses aspectos em projetos de letramentos (Kleiman, 1995; Soares, 1998; Mortatti, 2004; Dewey, 1947, apud Cunha, 2011; Bakhtin, 2016; Fiorin, 2017). Podemos dizer, também, que foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter aplicado, com reflexões acerca de uma pesquisa-ação, de acordo com as proposições de Telles (2002), mencionadas anteriormente.

Sendo assim, objetivamos fazer, em nossas aulas, com que os alunos aprendessem não só os conteúdos específicos do currículo, mas desejamos engajá-los como cidadãos do mundo, oferecendo oportunidades para que percebessem e refletissem sobre o seu entorno, seja no espaço local ou mundial. Essa preocupação é justificada quando analisamos a comunidade em que estamos inseridos e a que nossos alunos têm acesso, em termos familiares, sociais, culturais. A descrição dos contextos será feita no capítulo 3.

Para nos auxiliar a sistematizar esse processo, desenvolvemos as atividades buscando aparato teórico no conceito de Sequência Didática (Schneuwly et al, 2004, p. 97), principalmente em como os autores organizam e desenvolvem os módulos para atingirem a aprendizagem de determinado gênero. O conceito de Sequência

Didática, portanto, tem como ponto chave o ensino e a aprendizagem de gêneros discursivos, como afirmam os referidos autores:

Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. [...] Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. (SCHNEUWLY et al, 2004, p. 97)

Ressaltamos que, para a realização deste trabalho, o conceito de gênero discursivo esteve em função da aprendizagem e não a aprendizagem em função do conceito de gênero como podemos observar em muitos materiais didáticos, nos quais o trabalho com os gêneros ocorre como um fim em si mesmo, sem relação alguma com o universo social em que o texto circula.

Num contexto autêntico de comunicação, como o proposto, as atividades desenvolvidas ganham um sentido único, o qual, mesmo sendo parte do universo escolar e tendo sido produzido dentro de um contexto didatizado, como acontece com todos os textos produzidos no interior da escola, despertam no aluno o interesse em usar um gênero discursivo com função social, compreendendo uma situação de comunicação através do processo, ou seja, do início ao fim.

A dissertação apresentar-se-á em mais três capítulos, sendo o segundo a fundamentação teórica, o terceiro a descrição da parte prática, contemplando a aplicação da sequência didática e análise dos resultados, e por fim o quarto, contendo as considerações finais, trazendo uma visão geral do trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Pedagogia de Projetos: uma filosofia

Muito temos ouvido atualmente sobre projetos - pedagógicos, interdisciplinares, didáticos, de vida - são muitas denominações e temáticas variadas, da escola toda, de uma única sala, de um ou mais professores. É comum, nas escolas, haver alguns projetos sendo realizados a médio ou curto prazo, com foco na aprendizagem-ação, sendo a participação ativa de todos imprescindível para seu desenvolvimento. Na nossa escola existem, por exemplo, projetos que duram todo o ano letivo, como o da reciclagem, horta orgânica e literatura em sala de aula. Mas qual a história da pedagogia de projetos?

A ideia de Pedagogia de Projetos foi criada no início do século passado pelo estadunidense John Dewey, nascido em Burlington em 20 de outubro de 1859. Ele teve sua vida escolar marcada por um estilo educacional desinteressante e desestimulante, e grande parte da sua educação foi percebida por ele como tendo sido realizada fora do âmbito escolar, uma vez que, segundo Pitombo (1974 apud Cunha 2011), a sua família cultivava o hábito de atribuir-lhe tarefas diárias, com o objetivo de despertar o seu senso de responsabilidade.

John Dewey formou-se em filosofia na Universidade de Vermont e seguiu lecionando na Universidade de Michigan depois de concluir doutorado. Juntamente com Dewey, William James (1842-1910), George H. Mead (1863-1931) e Charles S. Peirce (1839-1914) são considerados fundadores do movimento filosófico conhecido como pragmatismo, cujo princípio básico é que pensamento e ação devem formar um todo indivisível, ou seja, toda teoria necessita de demonstração prática de vida. As concepções de Dewey defendem uma pedagogia concreta em que a aprendizagem se dá por meio da ação social. O ponto central do pensamento deweyano é que: “O conhecimento possui um caráter operante, o que confere ao organismo a característica de não se restringir à mera contemplação passiva e desinteressada do mundo”. (CUNHA, 2011 p.30).

Essa concepção situa o conhecimento dentro de um processo, ao contrário de oferecê-lo pronto e definido; dessa forma, tem-se o projeto, que é desenvolvido

por etapas e, por isso, a aprendizagem ocorre nas ações e pelas experiências. Essa teoria com ênfase na prática diz que só pode ser considerado conhecimento aquilo que estabelece relação entre as pessoas e o mundo em que vivemos. A filosofia de John Dewey afirma:

A atividade reflexiva não se submete a qualquer instância que não seja definida pela experiência de organizar o mundo concreto de acordo com as necessidades da vida humana e, complementarmente, pela capacidade genuinamente humana de ajustamento às condições oferecidas pelo meio. Trata-se de uma filosofia que desce das alturas metafísicas em que usualmente se coloca o pensar e se embrenha nas coisas terrenas que dizem respeito diretamente à vida das pessoas. (CUNHA, p.33)

Essa metáfora usada pelo autor ilustra bem a ideia de Dewey sobre o aprender fazendo, atribuindo sentido ao objeto de ensino, fazendo parte do processo de construção do conhecimento num contexto real e prático. Na verdade, a filosofia de John Dewey tem função civilizadora, ou seja, atribui responsabilidade diante das frequentes mudanças do mundo, cabendo à educação desenvolver novos meios de atuação para promoção do saber reflexivo, com função instrumental, possibilitando o enfrentamento de situações em que o educando, quando confrontado, seja capaz de agir e encontrar uma solução.

Para Dewey, a experiência é um fenômeno tanto individual quanto social, pois de um projeto comum com fins coletivos origina-se uma ação conjunta, não imposta e sem significação, mas repleta de sentido, motivação e engajamento em torno de um mesmo objetivo. O projeto não tem dono, ele possui parceiros, todos colaboram e agem dentro de uma atmosfera democrática; dessa forma, o conhecimento vai sendo adquirido pelo processo de desenvolvimento, num tempo e espaço reais, almejando um fim comum. Portanto, “a democracia, por sua vez, é o único sistema de vida que pode possibilitar esse requisito indispensável ao florescimento da inteligência” (AMARAL, 1990:77-78 *apud* CUNHA, 2011: p.37).

Reforçando, o elo entre o indivíduo e o social é considerado por Dewey como responsável por desenvolver um espírito de integração pleno de satisfação, que emerge da cooperação e não do isolamento, do ato solitário. Assim, é pela organização em grupo que existe a comunicação e a troca, e estas são educativas, pois, por meio delas, as experiências particulares são repassadas criando uma

situação que favorece a empatia entre os pares e, conseqüentemente, torna o ensino mais produtivo.

2.2 Projeto: uma alternativa para sala de aula

Como é dito na introdução deste trabalho, faz-se necessário encontrar maneiras para melhorar o nível de letramento na educação pública, e esta tentativa passa, certamente, pela escola, que concebe a educação formal priorizando as habilidades de leitura e escrita, que são focos no ensino de língua materna. Sendo assim, o professor, como mediador/orientador de saberes, deve refletir sobre que formas, além das tradicionais, podem contribuir para uma aprendizagem mais plena. A nossa busca pelo próprio Mestrado Profissional foi uma alternativa de melhorar a teoria para poder aplicar na prática, favorecendo uma didática mais produtiva e sistemática.

É preciso, pois, primeiramente, acreditar no projeto proposto e possuir uma finalidade clara do que se pretende alcançar e também ser capaz de motivar a turma a participar de modo espontâneo e ativo de seu desenvolvimento, sendo, portanto, imprescindível levar em consideração o espaço escolar e as pessoas que o compõem, para que o processo seja significativo e produza resultados positivos. Segundo Cunha (2011), Dewey considera que as coisas só adquirem real significado quando usadas em uma experiência partilhada ou em uma ação conjunta, que são bases para o desenvolvimento de um projeto.

As escolas, ainda hoje, acabam valorizando o método tradicional de ensino, com estudo sistemático de conteúdos, muitas vezes descontextualizados e improdutivos, com atividades repetitivas que são esquecidas após as provas, em detrimento de atividades mais sociais e, por isso, contextualizadas e passíveis de compreensão. Não se trata de deixar de cumprir o currículo da instituição, mas de complementá-lo, como visto na justificativa deste trabalho. O fato é que não é fácil fazê-lo, pois, além de essa proposta necessitar de tempo e organização, requer o apoio da gestão escolar e de nossos pares, o primeiro entrave pode começar antes mesmo de iniciar o projeto, mas como em nossa escola há a cultura de projeto o apoio facilitou o trabalho. Desse modo, o professor precisa estar engajado para contagiar a escola com sua ideia, pois muitas vezes precisa de materiais, mídias,

meio de transporte e permissão dos responsáveis para dar prosseguimento ao projeto. Por isso, a primeira tarefa é planejar, sabendo o quê, por que, como e aonde chegar.

Como sugestão para tornar a escola um espaço para fins sociais, John Dewey nos fornece três orientações: a primeira é que a escola deve fornecer ao educando um ambiente simplificado, atento ao fato de que a vida social é intensa e complexa, a escola não deve pretender que os alunos assimilem toda a cultura global, por isso, deve selecionar conteúdos e práticas com aspectos mais fundamentais, ou seja, fazer a escolha de determinados gêneros a serem trabalhados. A segunda orientação é que a escola deve manter-se dirigida ao futuro, com foco no que possa construir, contribuindo para edificar uma sociedade mais justa. E a terceira é que a escola deve propiciar ao educando condições para que ele saia dos limites impostos por seu grupo social de origem, para que ele conheça mais amplamente o mundo que o cerca, tornando-o um ser autônomo e pensante.

Segundo a concepção deweyana, a escola é:

Um local privilegiado para a educação, especialmente organizado e racionalmente planejado para oferecer aos educandos um meio social simplificado que retrate, de modo purificado e equilibrado, a ampla e complexa sociedade maior. O ambiente, entretanto, seja ele o da escola ou não, jamais condicionará de modo automático o indivíduo; esse conceito pretende traduzir a maneira como o grupo social torna o indivíduo um ser participante e companheiro na atividade comum, de tal sorte que este sinta a experiência coletiva como sua. (CUNHA, p.46)

Depreende-se do ponto de vista de John Dewey que a educação só é uma atividade construtiva quando possibilita relacionar as atividades que realiza com o mundo que o cerca. Muitas vezes os estudantes são levados a realizar um trabalho sem ao menos entender o seu significado, e o fazem porque estão condicionados, automatizados. De acordo com a visão de Dewey, é evidente que esse tipo de tarefa não se enquadra no conceito de experiência construtiva.

O projeto, por sua vez, trata-se de uma experiência modificadora, pois tanto o aluno quanto o professor não saem do mesmo modo no fim do trabalho, pois são a todo instante instigados a pensar, selecionar, adaptar e agir, atribuindo sentido às

atividades desenvolvidas e sabendo que percorrem um caminho para chegar a um fim comum.

Assim, a escola deve criar um espaço que impeça a propagação de uma aprendizagem com conotação artificial; o conhecimento das disciplinas deve ter para o aluno o mesmo peso que as experiências vividas no ambiente extraescolar. Para tanto, podemos contar com uso de recursos como oficinas, jogos, dramatizações, pequenos projetos, trabalhos orais, a serem interligados com a sala de aula e seus conteúdos. Porém, a falta desses recursos não deve servir de desculpa para ficar, somente, nos métodos tradicionais e mecanizados, porque mesmo as próprias matérias da aula anterior podem ser subsídios para fazer pensar, relacionar um fato de ontem com algum acontecimento de hoje, colocando o aluno em condições de aplicar os conhecimentos adquiridos na escola.

Desenvolver um projeto é possibilitar um trabalho contextualizado e solidário, por isso deve ser desenvolvido em equipe e tem como objetivo a compreensão de um fato, conteúdo ou situação específico, sendo o ponto de partida a busca por determinado conhecimento sugerido pelos alunos ou professor, cuja descoberta requer algumas etapas e atividades estratégicas que os estudantes ajudam a planejar. O tema ou conteúdo que constitui o projeto depende do saberes prévios da turma, bem como da disposição para aprender. Importante enfatizar que o conhecimento é adquirido por meio do intercâmbio entre as pessoas, isto é, o conhecimento é distribuído entre os participantes do grupo e, além dos meios materiais, a colaboração de outros membros da comunidade de investigação também é um recurso cognitivo para a realização do projeto. A língua concreta e viva possui a propriedade de ser dialógica, passa pela palavra do outro, esse conceito bakhtiniano coaduna-se com o princípio básico do projeto, da troca, do diálogo entre as pessoas; o dialogismo será abordado a seguir, no item sobre Bakhtin. De forma que todos participem, mas isso não deve indicar que a presença do professor não seja necessária, pois é ele quem facilita e organiza todo o processo de aprendizagem. Visto dessa maneira:

Isto não quer dizer que o docente fique de lado, como simples espectador, pois o oposto de fornecer ideias já feitas e matéria já preparada e de ouvir se o aluno reproduz o ensinado não é inercia e sim a participação na atividade. Em tal atividade compartilhada, o

professor é um aluno e o aluno é, assim sem o saber, um professor. (DEWEY, 1959, p. 176, *apud* CUNHA, 2011, p.59).

Todavia, um projeto é sempre singular, porque é único, uma vez que as pessoas envolvidas mudam, os resultados também e, portanto, não deve ser visto como um método que deve ser seguido de maneira fixa, pelo contrário, ele merece ser construído conjuntamente e com possibilidade de mudança de caminhos e estratégias; assim, o projeto deve ter a marca do grupo que o desenvolve.

São, portanto, características de um projeto escolar:

- Ser idealizado num contexto real por uma situação-problema ou tema relevante para o público-alvo;
- Utilizar, como recurso, pesquisas e fontes variadas de informação para compreender o objeto de ensino-aprendizagem, no nosso caso, o gênero discursivo entrevista;
- O conhecimento é adquirido e avaliado pelo processo de construção, através das atividades e etapas de seu desenvolvimento;
- A discussão é uma constante; todos participam ativamente do processo e podem intervir e mediar saberes;
- Etapas anteriores podem ser retomadas a fim de garantir a aprendizagem;
- As questões levantadas devem ser relacionadas a outras áreas e disciplinas, visando sempre à ampliação de conhecimento.

Para finalizar, o importante é garantir o protagonismo do educando durante o desenrolar do projeto. O aluno deve sentir que é parte fundamental na sua realização, estando sempre motivado a participar dos módulos e atividades propostas pelo professor. Por isso, o desenrolar das ações deve sempre estar pautado no espírito de equipe e de solidariedade, pois a coletividade é o ponto chave de um projeto, a fim de levar o aluno a ter consciência daquilo que aprende, tornando-o capaz de intervir e de ver significado em todas as etapas do projeto até a sua finalização. Assim sendo, um projeto torna-se uma situação favorável ao aprendizado e seus resultados, conseqüentemente, serão positivos.

2.3 Letramento no Brasil: um conceito em construção

No Brasil, o termo alfabetização ainda é usado com frequência, mas, ao longo dos últimos anos, vem surgindo a necessidade de trocá-lo por outro, como alfabetismo ou letramento, uma vez que, embora o termo seja usado em grande número de publicações acadêmicas, é marcado por alguma imprecisão ou variação. Neste trabalho, usaremos o termo letramento no sentido relacionado com leitura e escrita, especificamente; desse modo, faremos uma retomada do início do uso da palavra letramento no contexto brasileiro para compreendermos sua evolução, tão difundida atualmente.

Segundo Mortatti (2004), o termo letramento apareceu primeiro usado na apresentação do livro de Mary Kato, em 1986, com o objetivo de apresentar aspectos da ordem psicolinguística envolvidos na aprendizagem da linguagem por crianças em fase escolar. Assim, a autora apresentou sua definição diretamente ligada à função escolar, no sentido de formar cidadãos funcionalmente letrados, do ponto de vista cognitivo individual:

A função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem [formal/culta] como um dos instrumentos de comunicação. (KATO, 1986, p. 7).

Em seguida, no ano de 1988, a autora Leda V. Tfouni atribui ao termo letramento um sentido centrado nas práticas sociais de leitura e escrita e na relação de alfabetização, evidenciando mais o âmbito social, ampliando o significado além do termo alfabetização que é centrado no âmbito individual. Ela fornece uma definição para alfabetização e letramento dizendo que, embora estejam inevitavelmente ligados, a escrita, a alfabetização e o letramento, às vezes, não são vistos como conjunto, pois a alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para práticas de linguagem - ler e escrever - num processo de escolarização; por isso no âmbito individual. O letramento, por sua vez, foca em aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita, desligando-se do individual e obtendo um sentido mais amplo, o de uso. A autora completa dizendo que nas sociedades letradas um analfabeto pode ser letrado, já que consegue viver em sociedade e realizar tarefas diárias que usam a linguagem escrita ou simbólica,

como dar troco, pagar contas, tomar ônibus, escolher um produto no supermercado pela marca, por exemplo. Em nova publicação, em 1995, a mesma autora, Leda V. Tfouni reflete que foi necessário o neologismo letramento, pois havia uma lacuna na língua portuguesa de um termo que expressasse o processo de estar exposto aos usos sociais da escrita, sem, contudo saber ler e escrever.

Ângela Kleiman, também em 1995, publicou um livro em que o termo letramento é usado ao longo dos artigos em diferentes aspectos, começando a separar estudos sobre o impacto social da escrita e estudos sobre alfabetização. Ela apresenta uma definição de letramento como sendo as práticas sociais de leitura e escrita. Vejamos:

Podemos definir hoje como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos [...]. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado e não alfabetizado passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (KLEIMAN, 1995 *apud* MORTATTI, 2004).

Ainda em 1995, Magda Soares apresenta o termo alfabetismo no sentido de letramento. O estudo dessa autora tem sido bastante utilizado, pois sistematiza o conceito de letramento como: “O resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita”. (SOARES, 1995 *apud* MORTATTI, 2004). Seguidamente, ela apresenta e discute as dimensões individual e social do letramento e os problemas envolvidos em sua avaliação e mediação escolares, censos e pesquisas por amostragem. Já em 2002, Soares acrescenta que letramento é o contrário de analfabetismo, e posteriormente, em 2003, destaca as relações entre alfabetização, letramento e escolarização, abordando aspectos do letramento social e do letramento escolar, a partir dos eventos e práticas de letramento.

Vera Masagão Ribeiro, em 1999, preferiu usar o termo alfabetismo no lugar de letramento e explicou que a escolha foi feita porque à época o neologismo letramento não era dicionarizado. Porém, em 2003, num livro organizado por ela,

adotou o termo letramento com o sentido de leitura e escrita como práticas sociais complexas e com implicações ideológicas.

Em 2004, Maria do Rosário Longo Mortatti explica de maneira bastante didática o contexto do conceito de letramento e sua evolução no decorrer dos anos e suas contribuições pedagógicas, não trazendo, contudo, definições prontas e inflexíveis, mas um conceito em evolução. Na última década, o conceito de letramento chegou às escolas e salas de aula, mas ainda muitos o confundem com alfabetização. Mesmo depois de vasta produção sobre o tema, as dúvidas são recorrentes, mas, ao menos, têm suscitado reflexões sobre letramento e sociedade, e o papel da escola como principal agência de letramento.

2.4 Letramento escolar e letramento social

Em 1990, consolidaram-se dois conceitos distintos para letramentos sob a perspectiva do autor norte-americano Brian Street (1984), segundo o qual o modelo autônomo de letramento e o modelo social de letramento possuem como componentes básicos os eventos e as práticas de letramento, tendo como perspectiva o letramento autônomo - aquele que se desenvolve na escola, e a do letramento ideológico – aquele que se desenvolve fora dela. Parece elucidativo, mas são os conceitos de eventos e práticas de letramento que permitem fundamentar a diferença entre letramento escolar e não escolar.

Eventos de letramento ocorrem em situações em que a língua escrita é parte integrante da interação entre os falantes e seus processos de interpretação, seja face a face, em que interagimos oralmente com a mediação da leitura e escrita, discutindo uma notícia, por exemplo, ou à distância, como na escrita de uma carta. Por práticas sociais entendem-se os comportamentos exercidos pelos participantes num evento de letramento quanto às concepções sociais e culturais que o permeiam, determinando, dessa maneira, a interpretação e o sentido da leitura e da escrita em determinada situação de comunicação. No entanto, importante ressaltar que a distinção entre evento e prática de letramento é apenas metodológica, já que ambos fazem parte de uma mesma realidade. Sendo assim:

A hipótese é que a escola trabalha fundamentalmente no quadro do modelo autônomo de letramento, isto é, tende a considerar as atividades de leitura e escrita como neutras e universais, independentes dos determinantes culturais e das estruturas de poder que se configuram, no contexto social, o que o modelo ideológico nega; a predominância do modelo autônomo no processo de escolarização será, talvez, uma das razões das diferenças que se manifestam entre o letramento escolar e o letramento social. (SOARES, 2001, p.105)

De acordo com as observações feitas anteriormente, a escola simula uma realidade baseada na seleção de determinado conteúdo e de sua priorização, por isso existem os gêneros chamados de escolares, aqueles que são priorizados pela escola, como os textos didáticos, a poesia, o conto. Sobre as diferenças entre um instrumento de letramento escolar e um instrumento de letramento social, podemos identificar também as diferenças entre eventos e práticas de letramento escolares e eventos e práticas sociais de letramento. Como exemplo, Soares (2001), faz uma comparação de eventos e práticas de letramento, ora na vida cotidiana, ora no âmbito escolar. Vejamos: **na vida cotidiana** um jornal é folheado em casa, na rua, no trajeto do trabalho, na padaria, e o leitor seleciona, a partir de interesses particulares, determinada notícia, reportagem ou entrevista, em seu suporte habitual, graficamente dividido em colunas, em papel característico, com fotos e cadernos, e assim lê o que lhe convém, com atenção ou não, e interrompe quando quiser, retomando quando achar conveniente. Já **na escola**, a notícia, reportagem ou entrevista vem reproduzida em um material didático, livro ou apostila, de maneira fragmentada, com outra apresentação gráfica e, havendo ou não interesse por aquele assunto, o aluno deve ler com atenção para em seguida responder a um questionário em tempo determinado.

São eventos e práticas fundamentalmente diferentes: na vida cotidiana, eventos e práticas de letramento surgem em circunstâncias de vida social ou profissional, respondem a necessidades ou interesses pessoais ou grupais, são vividos e interpretados de forma natural, até mesmo espontânea. Na escola, eventos e práticas de letramento são planejados e instituídos, selecionados por critérios pedagógicos, com objetivos predeterminados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividades de avaliação. (SOARES, 2001, p. 106-107).

Sendo assim, a escola autonomiza as atividades de leitura e escrita, criando suas próprias circunstâncias de uso, seus eventos e práticas de letramento particulares. Trata-se, pois, da pedagogização do letramento, que vê eventos e

práticas de letramento de maneira distinta em relação às concepções não escolares. A escolarização transforma, por assim dizer, a leitura e a escrita, e pode ser caracterizada da cultura extraescolar ao currículo formal; ou do currículo formal para o currículo real ou, ainda, do currículo real à aprendizagem dos alunos em relação a saberes adquiridos ao longo de sua vida escolar. São práticas de letramento ensinadas, ou seja, entre as muitas que ocorrem socialmente e acordo com a necessidade de cada indivíduo, a escola seleciona algumas, previamente, de acordo com o ano/série como objetos de ensino, e por mais que tentemos aproximar essas práticas da realidade, elas são artificiais; porém, quando apropriadas pelo educando, podem ser usadas na vida, quando realmente houver uma situação social para ser atendida.

Ocorre que o letramento escolar acaba se sobrepondo ao letramento social, pois os eventos e práticas de letramentos institucionalizados passam a ser vistos com mais valor que outros letramentos próprios de contextos sociais locais, considerados marginalizados, ou seja, o letramento social, quando passa pela escolarização, volta corrompido, alterado para a sociedade, pois estão fora de seu suporte e contexto reais, são recortes de enunciados para serem analisados, ou seja, sua função é realizar uma atividade didática.

O INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional), em pesquisa realizada em 2001, pôde refletir sobre a forte influência da escolarização sobre o letramento social, o que ficou bastante claro no quadro a seguir, quando o pesquisador perguntou sobre o que se costumava ler na escola ou na faculdade.

Livro didático	59%
Apostilas	56%
Jornais	28%
Livros técnicos	20%
Revistas	42%
Demais tipos de textos (sites, folhetos, cartazes).	Abaixo de 50%

Fonte: INAF, 2001

Os resultados levantam a hipótese de que a escola atribui uma valorização excessiva ao livro didático em detrimento de outros livros, como o literário, por exemplo, confirmando os dados acima descritos.

Há, portanto, uma sinalização para diminuir essa dicotomia entre letramento escolar e letramento social: existem, primeiramente, múltiplos letramentos e os eventos e práticas de letramento são muitos e diferentes. Além disso, são situados sempre em determinado espaço e tempo, tornando-os bastante específicos, embora sempre imersos em um contexto social mais amplo. E, por último, por essa inserção num contexto mais amplo, as habilidades adquiridas pela participação em eventos e práticas de letramento são mais consequência de experiências sociais e culturais em situações que envolvem a leitura e a escrita do que o desenvolvimento formal dessas habilidades em contextos escolares. Porém, o processo de escolarização habilita as pessoas a participarem, mais efetivamente, de experiências sociais de uso de leitura e escrita na vida e, sendo assim, um complementa o outro.

2.5 Bakhtin: gêneros discursivos

Mikhail Bakhtin nasceu em novembro de 1895, em Oriol, e faleceu em 1975 em Moscou, Rússia, e suas reflexões sobre a linguagem têm sido vastamente difundidas pelo mundo. No Brasil, esse fenômeno deu-se após os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecerem que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas fosse feito por meio de gêneros discursivos; desde então, o discurso pedagógico tem se apropriado dele intensamente.

A partir daí muitos materiais didáticos adaptaram-se para atender a proposta, mas desconsideraram a ampla conceituação de gênero discursivo de Mikhail Bakhtin, que coloca ênfase na dinamicidade dos gêneros discursivos, e atribui a ele, basicamente, uma série de características formais a que o texto deve obedecer. Assim, o gênero passa a ser o principal objeto de ensino da língua materna numa perspectiva normatizada, quando a noção de gênero organiza os textos através das suas características e propriedades comuns sendo são vistos como um rol de propriedades formais, fixas e imutáveis, e muitos são os autores que utilizam essa

concepção de gênero que, na verdade, é a mais difundida nos materiais didáticos e instituições de ensino.

Porém, segundo Fiorin (2017), Mikhail Bakhtin não teoriza sobre gênero considerando-o como produto, mas toma como foco o processo de sua produção, interessando-lhe menos as características formais dos gêneros do que o modo como eles se constituem, ou seja, devem ser vistos na sua função no processo de produção. Há um vínculo intrínseco entre o uso da linguagem e as atividades humanas, e este é o ponto de partida para o estudo dos gêneros.

Sendo assim, as pessoas agem em determinadas esferas de atividades específicas, no trabalho, em casa, na escola, na igreja, na rua, e é essa esfera de atividade que vai especificar a linguagem e as formas de enunciados, pois não se produzem enunciados fora de uma esfera de ação, de modo que são determinados pela finalidade de cada esfera. E a partir dessas esferas de atuação é que surgem os tipos de enunciados mais ou menos estáveis por consequência da sua recorrente utilização.

Os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atuação. Eles estabelecem, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida introduz-se na linguagem. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Os três elementos – conteúdo temático, estilo e construção composicional – estão ligados de tal forma que são, também, determinados pela especificidade de um campo de comunicação.

O conteúdo temático não é o assunto de um texto, mas um sentido de que se ocupa o gênero. Por exemplo, uma carta de amor apresenta o conteúdo temático das relações amorosas, mas pode abordar um assunto específico, como um rompimento.

A construção composicional é a maneira como o texto é organizado, sua estrutura. Um exemplo: a carta é produzida dentro de um espaço, tempo e numa relação de interlocução – quem escreve e para quem – e por essa razão as cartas trazem indicação de data e local, destinatário e remetente.

Já o estilo é a seleção de meios linguísticos, como a escolha do léxico, construções frasais e gramaticais que levam em consideração a imagem do interlocutor e de como se idealiza sua compreensão responsiva do enunciado. Por exemplo: um e-mail dirigido a um chefe deve ser formal, marcado pela objetividade. O inverso vai ocorrer se o e-mail for destinado a um amigo; neste caso a linguagem será mais informal e marcada por subjetividade.

Não se trata, então, de fazer uma tabela das características dos gêneros sobre seu estilo, conteúdo e composição, porque existe uma riqueza e variedade dos gêneros que são incontáveis, uma vez que as possibilidades da ação humana são infinitas. Além disso, Bakhtin enfatiza o fato de que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, e esse termo – relativamente – é que faz toda a diferença, pois ele implica que se faz necessário atentar para a historicidade dos gêneros, ou seja, sua mudança e flexibilidade; portanto, eles não devem seguir normas rígidas demais.

Para tanto, basta analisar uma notícia de jornal dos dias atuais e uma notícia do início do século passado e será possível constatar que existem alterações no gênero, pois eles estão em constante modificação, uma vez que também as esferas se transformam e surgem novos gêneros que ganham novos sentidos e funções, bastando observar os gêneros da esfera digital, como e-mail, blog, redes sociais, chat.

O gênero discursivo, portanto, aproxima estabilidade e instabilidade, porque reconhecemos propriedades comuns em um tipo de texto e, ao mesmo tempo, essas propriedades se modificam frequentemente, sendo este um fenômeno, segundo Bakhtin, que contém a recorrência e a contingência, ou seja, a repetição permite entender as ações, enquanto a instabilidade permite a adaptação a novas circunstâncias.

O gênero somente ganha sentido quando se percebe a correlação entre formas e atividades. Assim, ele não é um conjunto de propriedades formais isolado de uma esfera de ação, que se realiza em determinadas coordenadas espaço-temporais, na qual os parceiros da comunicação mantêm certo tipo de relação. Os gêneros são meios de apreender a realidade. Novos modos de ver e de conceptualizar a realidade implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos que já existem. (FIORIN, p.76-77)

Importante destacar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos, destacando a diferença entre gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros discursivos primários são os presentes na vida cotidiana, predominantemente os orais e espontâneos e possuem relação direta com o contexto mais imediato, por exemplo, o bate-papo, a conversa telefônica, o bilhete. Os secundários pertencem à esfera de comunicação cultural mais privilegiada e elaborada, sendo predominantemente escritos, como o romance, a palestra, o artigo científico, a poesia.

Eles interagem, sendo que os gêneros discursivos secundários absorvem e transformam os primários, e isso ocorre porque perdem a característica do imediatismo e o contato direto com os enunciados dos outros. Uma carta inserida num romance só tem sentido dentro da realidade da obra, que é um evento artístico e não da vida cotidiana. O inverso, porém, também acontece, quando os gêneros primários são influenciados pelos secundários, como numa conversa informal sobre um fato qualquer que pode adquirir características de uma argumentação filosófica. É possível também que gêneros secundários se misturem, ou seja, um gênero pode conter o outro, como um anúncio publicitário que usa uma receita como estrutura.

Assim, um enunciado pode passar de um gênero para outro, se for exposto a outro contexto, em outra esfera de atividade. No entanto, existem gêneros mais maleáveis e outros mais rígidos. Os mais criativos fazem parte das relações mais íntimas, familiares ou de amizades, e os da esfera literária. Os estereotipados, que são os gêneros da vida prática, como bulas de remédio, receitas, saudações, por exemplo, podem também adquirir sentido diferente. Se, por exemplo, num determinado contexto, a entonação for outra – como repetir um bom dia numa entonação irônica – o gênero terá adquirido um significado novo.

Mesmos os textos mais flexíveis, com estilo mais individual, não são livres de especificidades próprias do gênero próprias da esfera de comunicação, pois a seleção de um gênero discursivo é determinada, mesmo que sem consciência, pela função, contexto e interlocutor, e isso não é, de modo nenhum aleatório. De modo que

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiforme quanto os campos da atividade humana [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferido pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo. (BAKHTIN, 2016, p. 11).

Portanto, os estudos da natureza dos enunciados e dos gêneros discursivos têm fundamental importância para ultrapassar as concepções simplistas da vida do discurso, que consideram somente sua parte concreta e estrutural, possibilitando o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva, inserido em um contexto de produção e permitindo compreender de maneira mais ampla a natureza da linguagem.

2.6 Dialogismo: discurso e interação

A base filosófica de Bakhtin está voltada para a unicidade do ser e do evento, pois para o autor todo enunciado é dialógico. A língua viva, em seu uso real, tem como característica ser dialógica, não se trata apenas do diálogo face a face, mas de todos os enunciados no processo de comunicação. Assim sendo, o enunciador, para compor seu discurso, deve considerar o discurso do outro, que está presente no seu próprio. Essas relações de sentido estabelecidas entre dois enunciados são denominadas de dialogismo. Vejamos:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1993, p.88)

Portanto, o dialogismo é o que constitui o enunciado, é a maneira que a língua real funciona, isto é, todo enunciado é uma réplica de outros enunciados, mesmo não manifestados no discurso, elas encontram-se presentes. Assim, todo enunciado, independente da dimensão, é sempre heterogêneo, pois revela sempre mais que uma posição, podendo estabelecer relações de convergência ou divergência, de aceitação ou recusa. Portanto,

O real apresenta-se para nós sempre semioticamente, ou seja, linguisticamente. Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. (FIORIN, p.22).

Assim, não são as unidades da língua que são dialógicas, mas os enunciados. As unidades da língua são os sons, as palavras e as orações, e os enunciados são as unidades reais de comunicação, sendo que as primeiras são repetíveis, mas os enunciados não, eles são acontecimentos únicos, cada vez tendo um sentido, uma entonação, uma apreciação. Bakhtin usa o termo translinguística para denominar o estudo das unidades reais de comunicação, os enunciados, e considera como objeto de análise os aspectos e as formas das relações entre enunciados e suas formas tipológicas, ou seja, os gêneros discursivos.

De modo que um enunciado nunca é indiferente aos outros, pois ele não se basta, pois os enunciados de uma esfera discursiva dialogam, inclusive, com os de outras esferas. Esse fato determina-lhes um caráter de resposta aos enunciados precedentes, e de modelo aos que são produzidos posteriormente, pois estão, de fato, constantemente dialogando. Segundo Bakhtin (2003), todo enunciado concreto é ligado por uma cadeia de comunicação discursiva de um determinado campo.

Assim, a dimensão do enunciado não é importante, pois pode ser constituído de uma única palavra, como sim e não, e até por uma pausa, o silêncio pode ser uma resposta dentro de um diálogo, por isso o que dá limite aos enunciados é a alternância dos falantes, assim, concluímos que um enunciado está terminado

quando permite a resposta de outra pessoa. Podemos, pois, afirmar que o enunciado não se dá fora das relações dialógicas, ele nunca é novo, estão sempre presentes ecos de outros enunciados, refutando, completando, confirmando, discordando, lembrando, sempre ocupando uma posição numa dada esfera de comunicação sobre um dado tema. Sendo assim:

A experiência discursiva forma-se e desenvolve-se pela interação entre enunciados em um processo de assimilação do “outro”. Todo enunciado é pleno de palavras de outros em graus diversos de alteridade, de assimilabilidade, de aperceptibilidade e de relevância. Esse outro empresta ao enunciado o seu tom valorativo que é assimilado e reelaborado. Assim, a expressão de um enunciado será sempre reflexo da expressão alheia. (BAKHTIN, 2003, p. 294-5 *apud* CARETTA, 2008, p.18).

Concluimos, pois, que tomando o enunciado como um produto dialógico, podemos compreender como os gêneros discursivos se constituem nas suas esferas de atuação, de modo que cada esfera de comunicação social constrói os seus gêneros tendo em vista as suas finalidades, portanto os gêneros determinam o enunciado que reflete as condições de sua esfera discursiva. Como já vimos no item anterior, são três os elementos que definem o gênero: o conteúdo temático, o estilo e a forma composicional, eles se relacionam intrinsecamente na constituição do enunciado, levando em conta a relação com os destinatários e o discurso do outro. Segundo Caretta (2008), as esferas discursivas determinam os gêneros como um sistema de interações dialógicas que relaciona o enunciado com o seu objeto, com outros enunciados e com o destinatário.

2.7. Entrevista: o gênero do diálogo

O gênero discursivo entrevista tende a ser, ao longo do ensino de língua portuguesa, subsídio para ampliar as informações contidas em outros gêneros, como a notícia e a reportagem, tratando-se de um gênero pouco explorado pelo currículo do Estado de São Paulo. Mas, por outro lado, é muito comum no dia a dia das pessoas, pois se trata de um gênero recorrente em diversas mídias, orais e escritas, e tem como função principal informar sobre alguém ou um tema no qual a pessoa é especialista. Sua linguagem pode ser mais ou menos informal, dependendo de quem se entrevista e para que público destina-se e possui diversas marcas gráficas ao longo do corpo do texto, por sua vez bastante peculiar, de modo

que quando o vemos em um suporte qualquer, um jornal ou revista, ele é imediatamente reconhecido, principalmente pelas perguntas e respostas, que compõem a marca principal deste gênero. Já que se trata de uma conversa dirigida, há a mudança de turnos da fala; mas podemos observar também o título, subtítulo e um parágrafo de apresentação, pois como todo gênero discursivo possui uma forma já sedimentada que atende a uma função específica de uma situação de comunicação também específica. Porém, neste trabalho, o foco é que o aluno perceba, não apenas uma estrutura fixa, mas uma maneira de fazer que se aplique a um propósito comunicacional mais amplo, dentro de um contexto real e com um interlocutor real, sendo assim, a forma do gênero será uma decorrência do processo da situação de comunicação. Tentemos, pois, definir o gênero entrevista:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 2002, p. 8 *apud* GUEDES, 2006, p.20).

A palavra entrevista pode significar, portanto, qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz de diálogo; uma conversa de duração variável com personagem importante ou portador de conhecimentos de interesses para determinado público ou a matéria publicada com as informações colhidas por meio destas personalidades. O contato pessoal não é necessariamente obrigatório e pode ser feito por telefone ou por escrito. Sobre o resultado obtido nesse contato, o texto terá uma pequena apresentação, feita de dados referenciais, seguido de perguntas e respostas, terminando, na maioria das vezes, com a palavra do entrevistado. Mas, então, entrevista é apenas uma técnica, objetiva e distanciada? Ou uma arte? Um diálogo?

Quanto a mim, penso que a entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos. Mas é só isso? Talvez não. Então aqui, outra vez, a palavra escapa, não consigo aprisioná-la em um conceito. Fico feliz por isso. Palavras fogem porque se dão à liberdade. O que sinto, e apenas sinto, é que, quando o jornalista realiza bem essa aproximação, a entrevista se torna uma experiência. Uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro. (GUEDES, 2006, p. 21).

Concordamos com a autora acima citada em que a entrevista não pode ser apenas técnica; esta sem dúvida auxilia no processo, mas não deve ser um fim em si mesma, pois a entrevista é um gênero que nasce da interação com o outro, sendo que o outro é a parte mais relevante e, por isso, quando estabelecido o diálogo, temos a experiência, e é exatamente nisto que consiste esse gênero discursivo: ouvir o outro e extrair da conversa, mesmo que dirigida, mais que informações sistemáticas, também o pensamento e as emoções do entrevistado.

Assim, cada entrevista exige do entrevistador atitudes específicas, pois a experiência é sempre única, Guedes afirma que certas atitudes devem ser comuns a qualquer entrevista; trata-se de um conjunto de ações, questões e comportamentos que um entrevistador deve ter quando realiza uma entrevista. Vamos a elas.

Pedir permissão – para entrevistar, fotografar ou gravar. Primeiramente perguntamos se pode, e antes de tudo, é preciso explicar do que se trata e onde será veiculada a entrevista. Obviamente estamos falando de uma entrevista previamente marcada, pois no meio de uma confusão, um show, um político falando, isso não será possível.

Quando possível, pesquise sobre o entrevistado - Em geral, antes de realizar uma entrevista, costumamos receber alguma informação sobre o entrevistado e sobre o assunto. A entrevista é um gênero que requer planejamento, pois é muito deselegante mostrar-se despreparado diante do entrevistado. Portanto, o ideal é pesquisar e se informar em fontes diversas sobre a história pessoal e profissional da pessoa a ser entrevistada. Isso será fundamental para as questões que o entrevistador vai propor e para a própria apresentação na abertura da entrevista, ou seja, a produção do parágrafo de introdução. Faz-se, portanto, fundamental que haja uma ideia da identidade do entrevistado, pois isso facilita a redação e a seleção das perguntas que nortearão a entrevista.

Roteiro, um facilitador - informado sobre o entrevistado, o ideal é que antes das entrevistas seja preparado um pequeno roteiro com algumas perguntas fundamentais. Lembramos que um roteiro em hipótese nenhuma deve ser

considerado um engessamento. Assim, abrir espaço para criar perguntas na hora da conversa é muito mais produtivo; por isso precisamos estar atentos às respostas.

Recursos – na ocasião da entrevista devemos estar munidos de materiais para gravarmos a conversa, como um celular ou gravador, por exemplo. Na falta desses, as respostas devem ser anotadas o mais fielmente possível às respostas dadas.

Senhor? Você? – às vezes não sabermos como nos referir ao entrevistado, então, o mais seguro para evitar qualquer tipo constrangimento será perguntar como ele prefere ser tratado. Se a opção for não perguntar, deve-se optar por senhor ou senhora, um tratamento que impõe respeito e algum distanciamento.

Ouvir, ponto chave - Quando usamos bem o roteiro, fica evidente que ele foi planejado, mas é importante ouvir de verdade, pois outras perguntas surgirão das próprias respostas do entrevistado. Na verdade, o que precisa acontecer é uma conversa, um diálogo autêntico. Quando ficamos presos às perguntas preparadas e ansiosos para passar para a próxima ou pensando em outra coisa enquanto o entrevistado fala, estamos aplicando um questionário e não fazendo uma entrevista.

Deixe o entrevistado falar – uma entrevista é feita para descobrir o universo do outro. Pensando assim, percebemos que a construção do texto é coletiva. Por isso, precisamos de perguntas que permitam ao entrevistado apresentar suas ideias, contar sobre uma experiência, relatar o passado e falar sobre o assunto em pauta. Outras vezes, gostaríamos que o entrevistado aprofundasse esse ou aquele tema ou mesmo não concordamos com sua ideia. Até podemos apresentar um ponto de vista ao entrevistado desde que não seja muito extenso, e com tom sempre educado, tomando sempre o cuidado para não falar mais que ele.

Respeito aos limites - em uma entrevista, devemos buscar conseguir informações relevantes, pois sem isso a entrevista pode perder seu sentido. No entanto, se o entrevistado se recusar a responder a uma determinada questão, devemos tentar voltar a ela. O que não podemos esquecer é que há um limite que não devemos quebrar, para não correremos o risco de sermos invasivos.

Entrevista a três - para fazer uma boa entrevista é preciso gostar muito de conversar com o outro e, mais uma vez, ouvir o outro. É preciso se encantar ao conhecer gente nova, curtir uma boa conversa. A entrevista acontece quando entrevistador e entrevistado sentam-se frente a frente, se olham nos olhos e estabelecem um momento de confiança, construindo um espaço de diálogo sincero, pois apenas quando esse espaço existe a experiência da entrevista acontece de verdade. O resultado disso é um texto feito a três, pelo entrevistador e entrevistado, por meio de perguntas e respostas, e também pelo leitor.

Selecionar as perguntas – roteiro feito, entrevista realizada, então é o momento do gravador, das anotações e da página em branco. É hora de organizar as perguntas, escolher um título, os subtítulos, hora da edição. Não é preciso colocar todas as perguntas e respostas no papel, pois corremos o risco de o texto ficar muito longo. Podemos, então, escolher aquelas perguntas que fizemos e as respostas que achamos mais importantes e reveladoras de nossos entrevistados. A edição, portanto, é a arte de escolher bem.

Organização dos temas - as entrevistas abordaram muitos assuntos com o entrevistado, como infância, vida escolar, relacionamentos, etc., e é na edição que podemos organizar o texto e manter as perguntas em blocos por temas, o que torna mais claro para que o leitor a compreenda melhor. No caso específico do projeto objeto deste trabalho, a ordem cronológica ajudou muito a manter a coesão textual.

Título e subtítulo – O título da entrevista é o que chama a atenção do leitor e já conta um pouco sobre o assunto que será abordado no corpo do texto. Pode ser, inclusive, uma frase dita pelo entrevistado no interior da entrevista, mas precisa ser a certa, aquela que resume o espírito da entrevista. Da mesma forma, o subtítulo precisa ser criativo e tem a função de completar o título com uma nova informação. Já a introdução ajuda a apresentar o entrevistado e auxilia no entendimento do texto, revelando um pouco de seu pensamento ou opinião.

Finalização - na hora de transcrever o melhor é sermos o mais fiel possível à fala do entrevistado. A edição é o momento em que se esculpe a entrevista, por isso é preciso que o aluno-entrevistador tenha cuidado com a ortografia e a pontuação; nesse ponto, a orientação/correção do professor é fundamental.

Neste trabalho, como já observado anteriormente, a aquisição da estrutura do gênero deu-se através do processo de aplicação do gênero entrevista, ou seja, os educandos, ao desenvolverem as etapas do projeto, foram tomando consciência da relevância e da função de cada parte estrutural da entrevista, compreendendo um gênero não como uma estrutura pronta e acabada, mas como a materialização e organização de uma situação de comunicação real entre duas pessoas, já que a entrevista não pode ser vista como um roteiro, mas como um diálogo baseado na confiança e no respeito mútuo.

Esses conceitos teóricos, aqui apresentados, subsidiaram as atividades práticas desenvolvidas no projeto. E no capítulo seguinte foram abordados os contextos de produção, as etapas da sequência didática e análise de resultados.

3. ATIVIDADES PROPOSTAS

3.1 Contextos

As atividades do projeto de letramento desenvolvidas em torno do gênero discursivo entrevista foram concebidas em dois contextos diversos – uma escola estadual, onde a sequência didática (SD) foi aplicada, e um lar para idosos onde foi realizada a entrevista, ou seja, o produto final do projeto. A ideia era, justamente, expor os educandos a uma situação de comunicação concreta para que eles pudessem refletir sobre o gênero discursivo selecionado e lhe atribuir sentido e função. Um projeto, como já foi dito anteriormente, tem a intenção de viver uma experiência de vida, colocando os conhecimentos adquiridos em prática através de um evento de letramento e, assim, possibilitando desenvolver habilidades de leitura e escrita em seu uso real de comunicação.

Segue, pois, uma breve apresentação dos contextos onde o trabalho foi realizado: o primeiro é a **Escola Estadual Dalton Morato Vilas Boas**, localizada na cidade de Ourinhos, interior de São Paulo. A unidade escolar é pequena, possui apenas seis salas de Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano, contando com poucos alunos por turma, em média 20. Fica localizada num bairro periférico e antigo da cidade e possui bom espaço físico, contando com quadra coberta, sala de leitura, sala de vídeo e sala de informática com 18 computadores. Os pais ou responsáveis dos alunos trabalham em cerâmicas, comércio local ou são autônomos, em sua maioria. Um fator importante é que as crianças permanecem na escola por até oito anos, já que a instituição oferece também Ensino Fundamental de 2º ao 5º ano, fortalecendo o vínculo entre alunos e corpo docente, e por essa razão as crianças gostam muito da escola, o que contribui para um ambiente saudável de parceria, troca de experiências e respeito mútuo.

As turmas dos 7º anos, público-alvo do projeto, são interessadas e sem grandes problemas de indisciplinas. Os alunos convivem com colegas surdos, de baixa visão e com deficiência intelectual em situação de cooperação e não há, por isso, agressões ou bullying, já que a escola é um polo regional de educação especial e conta com salas de recursos e professores especialistas. Os alunos gostam de participar de projetos oferecidos pela escola ou por professores, por exemplo, a horta orgânica e literatura em sala de aula, que duram todo o ano letivo.

Além disso, os estudantes também estão sempre envolvidos com o Grêmio Estudantil e assembleias democráticas. Não são, contudo, turmas homogêneas; sem dúvida, há alunos avançados e outros possuem defasagens acentuadas, mas por conta do número de alunos é possível oferecer diferentes estratégias de ensino, para que o grupo torne-se cada vez mais coeso.

A escola Dalton é uma escola que possui cultura de projeto, o que acaba contribuindo para a sua aplicação, já que a gestão colabora com recursos materiais e disponibiliza recursos multimídias. Os demais professores, em sua maioria, também acreditam que a escola e seus alunos se beneficiam dessa concepção de ensino-aprendizagem, pois torna os conteúdos mais significativos e, por essa razão, mais atrativos.

Os pais e responsáveis, com poucas exceções, apoiam a participação dos filhos em atividades extraescolares e prestigiam, sempre que possível, as apresentações e exposições que ocorrem na escola. Um facilitador é que a escola Dalton possui o Programa Escola da Família e permanece aberta aos finais de semana, oferecendo à comunidade atividades sociais, culturais e de lazer, como jogos, palestras, oficinas e parcerias com faculdades locais para cortar cabelo ou medir pressão, por exemplo, o que colabora para a que a família venha para a escola.

Um questionário sociocultural foi aplicado nas duas turmas, 7^{os} anos A e B, para que pudéssemos traçar um perfil dos alunos. Abaixo segue a tabulação de algumas perguntas que possuíam o objetivo de verificar a importância da escola no cotidiano dos alunos.

Tabulação parcial de resultados do Questionário (38 alunos responderam) 7^{os} Anos A/B

- Você frequenta o projeto Escola da Família nos finais de semana?
67%
- Costuma participar de projetos extras oferecidos pela escola no contra turno como xadrez, vôlei, futsal, reuniões com psicólogas?
73%
- Frequenta a sala de informática no período contrário para usar a internet?
89%
- Realiza algum curso extra que não seja oferecido pela escola?
26%
- Quando necessita de materiais como revistas, jornais e/ou livros, a escola é a principal fonte?
59%
- Participa das festas e quermesses promovidas pela escola ao longo do ano?
74%
- No período de férias, a escola e suas atividades fazem falta para você?
81%
- Considera a escola muito importante?
86%

Nas informações acima, nota-se que a maioria dos alunos vai para a escola no período contrário, seja para participar de projetos extras ou para lazer. A fonte de informação e pesquisa também é a escola, já que utilizam a sala de informática como *lan-house*. Grande parte dos alunos vê a escola como a única alternativa para atividades não acadêmicas, por isso, para esta comunidade, a instituição tem grande importância no seu cotidiano.

Assim, a E.E Dalton possui um papel social de destaque na comunidade que atende, pois também faz doação de roupas durante o ano todo, e quando alguma família necessita de uma cesta básica recorre a ela. Não entraremos no mérito se é sua função ou não, mas certamente, por ser uma escola com poucos alunos, cerca de 200, pode contribuir para melhorar a vida dos discentes e trata-se, por isso, de uma unidade escolar de realidade bastante distinta de outras escolas do mesmo município.

Outro contexto de aplicação do projeto foi o **Lar Santa Tereza de Jornet**, da mesma cidade, onde os idosos foram entrevistados pelos alunos. Atualmente o lar conta com 80 moradores, sendo 40 mulheres e 40 homens separados em alas distintas. Os idosos são cuidados por enfermeiros profissionais, alguns voluntários e as irmãs da Congregação das Irmãs das Anciãs Desamparados, mantida pela Igreja Católica. Fica localizado num bairro privilegiado de Ourinhos, num prédio que toma um quarteirão todo e conta com uma capela, um grande jardim, enfermaria, escritórios, sala de fisioterapia, cozinha, lavanderia, refeitórios, salas de TV e auditório. Além dos idosos do município, recebe pessoas da região em

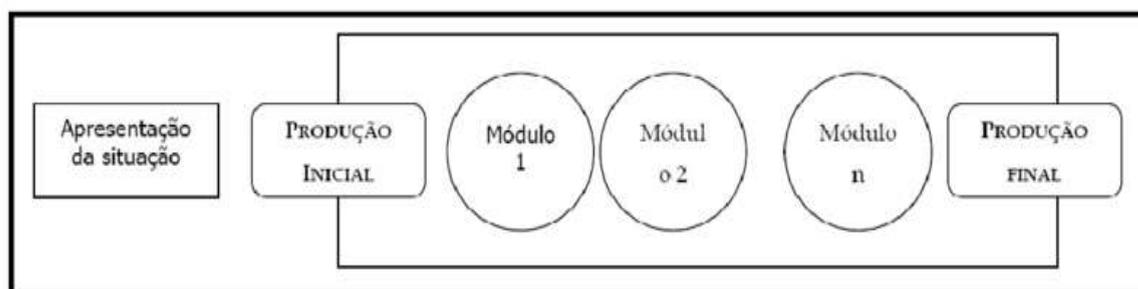
condição de abandono ou situação de rua. Em sua maioria, os idosos residentes no lar encontram-se com alguma doença mental. Em função desse fato, foram selecionados, com a ajuda de enfermeiros e da assistente social, alguns idosos com a integridade física e psíquica preservadas, no total de 11 idosos, entre homens e mulheres.

Muitos deles recebem visitas regularmente de parentes ou amigos próximos, outros, no entanto, há anos não recebem nenhuma visita, fator que facilitou o acesso dos alunos a eles, que se sentiram felizes em colaborar com o projeto da escola, mas também por poder conversar um pouco e passar o tempo.

Alguns idosos possuem tarefas no lar como tomar conta da portaria ou ajudar o padre na missa, mas a maioria passa o tempo nos jardins, distribuídos pelas mesas e bancos, tomando sol e batendo papo. O lar recebe, além de doações, muita colaboração voluntária: há dias para cortes de cabelo, barba, manicure, por exemplo, fazendo com que a instituição tenha atividades durante toda a semana. Trata-se de um ambiente limpo e organizado e os idosos são bem cuidados, mas ainda fica a sensação, quando nos despedimos, de que a família e a sociedade, em algum ponto da vida, falhou com eles.

3.2 Sequência Didática

As atividades para a realização deste projeto foram organizadas e sistematizadas e, para tanto, foi aplicada uma sequência didática baseada na teoria de Schneuwly e Dolz (2004), que definem: “Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. É esse conjunto de atividades escritas e orais previamente pensadas que garante que o aluno aprenda um novo gênero discursivo, neste caso, a entrevista. A sequência didática tem a finalidade de dar acesso aos alunos a práticas de novas linguagens e situações de comunicação específicas. Sendo assim, segue uma estrutura base, apresentada no esquema abaixo:



Esquema da sequência didática

A sequência didática prevê, portanto, uma situação inicial que visa à produção de um primeiro texto escrito de acordo com o gênero discursivo trabalhado, no nosso caso, a entrevista, que serve como uma avaliação diagnóstica que demonstra as capacidades já adquiridas pelos alunos e, também, norteia as próximas atividades previstas, pois é possível observar as fragilidades reais da turma. Sendo assim:

A apresentação inicial visa expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado verdadeiramente na produção final. Ao mesmo tempo, ela os prepara para a produção inicial, que pode ser considerada uma primeira tentativa de realização do gênero que será, em seguida, trabalhado nos módulos. A apresentação da situação é, portanto, o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a se executada. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p.98).

Em seguida a sequência didática é constituída de módulos, ou seja, diversas atividades realizadas em etapas, que seguem uma ordem crescente de habilidades necessárias à produção escrita final. Esses módulos não são engessados, eles podem ser analisados e adaptados, em todo momento, de modo a desenvolver as habilidades de leitura e escrita dos alunos, pois o foco é sempre a aprendizagem e a compreensão do conteúdo organizado.

Os módulos devem apresentar atividades diversificadas que possibilitem aos alunos o acesso à aprendizagem de diferentes formas, ampliando as chances de entendimento e significação do gênero discursivo selecionado. Os autores dividem as atividades em três campos: as atividades de observação e análise de textos – que constituem o ponto referencial indispensável à aprendizagem; as tarefas simplificadas de produção de textos – concentra-se em aspectos mais precisos da elaboração de um texto, como a reorganização, a revisão, a edição, a reescrita; e a

elaboração de uma linguagem comum – possibilidade de falar dos próprios textos ou dos outros, comentá-los, criticá-los e melhorá-los. Assim, os alunos constroem progressivamente seu conhecimento sobre o gênero. Sobre os módulos, dizem os autores:

Além da alternância, bem conhecida, de um trabalho com toda a turma, em grupos ou individual, o princípio essencial da elaboração de um módulo que trate de um problema de produção textual é o de variar os modos de trabalho. Para fazê-lo, existe um arsenal bastante diversificado de atividades e de exercícios que relacionam intimamente leitura e escrita, oral e escrita, e que enriquecem consideravelmente o trabalho em sala de aula. (IDEM, p. 105)

Terminados os módulos, a sequência é finalizada com uma produção final, que possibilita ao aluno pôr em prática os conhecimentos adquiridos durante o processo de construção do gênero discursivo, além de permitir ao professor realizar uma avaliação somativa, ou seja, que considera o que foi aprendido durante as etapas da sequência didática. Também objetiva encerrar o projeto colocando os alunos em uma situação de comunicação real através do gênero discursivo trabalhado, atribuindo a ele sentido e função. A produção final tem muita relevância, uma vez que se trata da produção escrita ou oral do aluno, e ele pode, através dela, ter controle sobre o próprio aprendizado, permitindo-lhe avaliar os progressos realizados ao longo do processo, além de ser uma maneira de o professor valorizar o empenho e trabalho do aluno, finalizando o projeto.

3.3 SD Entrevista comentada: passo a passo

Esta sequência didática reúne propostas de atividades que foram aplicadas em turmas de alunos do 7º ano A e B do Ensino Fundamental da escola Dalton. As atividades abordaram o ensino do gênero entrevista e a sua prática, com ênfase no processo de aquisição formal e de uso desse gênero discursivo; para tanto, a prática envolveu análise de aspectos linguísticos, composicionais e funcionais, produção escrita e reescrita.

As atividades foram realizadas em 21 aulas e, como a disciplina de Língua Portuguesa conta com 6 aulas semanais em escolas da rede pública do Estado de São Paulo, foram quatro semanas para a aplicação e conclusão do trabalho.

O gênero entrevista requer, no mínimo, dois interlocutores – um entrevistador e um entrevistado. Neste caso, o trabalho foi feito em dupla de alunos, que foram os entrevistadores, e os idosos do Lar Santa Teresa de Jornet, os entrevistados. A escolha do Lar como instituição parceira deu motivação ao projeto, que teve como foco o ensino pelo processo de construção do gênero discursivo, com pessoas reais, com informações e histórias reais para dividir.

A seguir, apresentamos atividades com a finalidade de propor uma reflexão, por parte de alunos e professores, a respeito do ensino do gênero discursivo entrevista através de um projeto de letramento.

Aulas 1 e 2: Introdução e diagnóstico

* Apresentação da situação de comunicação com o gênero discursivo “entrevista”

* Previsão: 2 aulas

* Objetivos: estimular os alunos para o trabalho com o gênero entrevista e apresentar o trabalho coletivo PROJETO ENTREVISTA: uma alternativa de letramento por meio de gêneros discursivos (o convite era para realizar entrevistas com idosos do Lar Santa Teresa de Jornet, de Ourinhos-SP).

* Produção diagnóstica: produzir uma entrevista com os colegas de sala para verificar o que sabem sobre o gênero entrevista.

Para começo de conversa

Como se sabe, os objetos de ensino de Língua Portuguesa, atualmente, são os gêneros discursivos – já que a essência da linguagem é o diálogo - a existência do outro.

De maneira que o gênero discursivo é a concretização, a realização efetiva da linguagem sob as formas orais e escritas múltiplas e variadas, definidas por sua funcionalidade social, ou seja, ligadas às atividades humanas.

Explorando imagens (atividade diagnóstica para verificar o que os alunos já sabiam sobre o gênero entrevista)

As imagens a seguir foram observadas, uma a uma, atentamente, para posteriormente suscitar uma conversa.



Fonte: <https://esportecasagrande2010.wordpress.com/entrevistas-2/html> (acesso agosto/2017).



Fonte: <http://www.jornaldasaude.com.br/entrevista.html> (acesso em agosto/2017)



Fonte: https://www.123rf.com/photo_33313358_stock-vector-tv-host-interviewing-a-man.html (acesso em agosto/2017)

- Em seguida, foi solicitado que os alunos respondessem oralmente às questões:
- Você já viu imagens semelhantes no seu dia a dia?

- O que está acontecendo entre os interlocutores?
- Por que essas pessoas, em sua opinião, estão sendo entrevistadas?
- Normalmente, as entrevistas são realizadas com que tipo de pessoa?
- Em que mídias podem ser produzidas?
- Cite alguns exemplos de entrevistas que já leu, assistiu ou ouviu.

Nesta atividade, é importante que o professor estimule os alunos na exploração das imagens, ativando os conhecimentos que eles já possuem sobre o gênero. As imagens podem ser reproduzidas através de cópias ou ainda em datashow.



PRODUÇÃO ESCRITA DIAGNÓSTICA

Para a produção inicial, foi escolhido um colega de sala para fazer uma pequena entrevista. Os alunos elaboraram algumas questões e foram anotando a resposta; em seguida, passaram a limpo e socializaram com o professor e turma.

A primeira produção é muito importante para diagnosticar o que sabem sobre o gênero em estudo, sua estrutura, linguagem e temática. Trata-se, pois, de um ponto de partida para as atividades posteriores, auxiliando no processo de aquisição do gênero entrevista.

Aulas 3 e 4: Análise de entrevistas escritas

Apresentação de entrevistas escritas com ídolos teens, que são do interesse dos alunos .

* Previsão: 2 aulas

* Objetivos: analisar a função social da entrevista, ou seja, para que serve, além de observar características específicas do gênero quanto à forma e à linguagem.

A escolha dessas entrevistas levaram em consideração a identidade da turma e faixa etária. O importante é adequar as atividades ao nosso público-alvo, assim as aulas ficam mais interessantes e os resultados são mais positivos.

ENTREVISTA 1- CONHECENDO UM ÍDOLO.



→ Nesta atividade foi entregue uma cópia da entrevista de Luan Santana, um ídolo adolescente que faz bastante sucesso entre os jovens.



Fonte: Reprodução/Instagram luansantana. (acesso agosto/2017)

Entrevista com Luan Santana: ele é o cara!

Amigos, fama, amores... Luan Santana abre o jogo sobre tudo!

Foi em uma segunda-feira que encontramos **Luan Santana**. Super bem-humorado, o gato chegou de óculos de sol, calça jeans e camiseta. Fez questão de cumprimentar (com beijinho e tudo! \o/) nossa equipe inteira, respondeu todas as perguntas e encarou a sessão de fotos com um sorriso (divino) no rosto. Pode apostar, ele é lindo, simpático, educado, talentoso... Ok, você já sabe de tudo isso, né? Então, se joga na **entrevista TDB** que a gente trouxe especialmente pra você!

TodaTeen: Você é o garoto dos sonhos de milhões de adolescentes. Qual é a garota dos seus sonhos?

Luan: Acho que é uma menina que, primeiro, combine comigo e que entenda o meu trabalho acima de tudo, porque é um trabalho incomum, então é difícil achar uma pessoa. Tem que ser alguém meio que singular também porque ela vai viver a vida que eu levo. Acho que a principal coisa é entender o meu trabalho.

Você está experimentando um sucesso enorme, que muitos artistas mais velhos nem conseguem atingir. Dá pra manter os pés no chão?

Dá. Eu acho que é próprio da minha natureza isso aí, por eu ter nascido em Campo Grande, MS. E minha família sempre me voltava pra terra, então eu fui crescendo com isso, fui aprendendo com os meus pais e acho que a educação que eles me deram é humildade acima de tudo.

Qual a pior parte da fama?

A falta de liberdade. Não dá pra sair na rua a qualquer hora ou ir em qualquer lugar. Ficar longe da família e dos amigos também é difícil.

Então você sente falta do anonimato?

Eu sinto, sim. Às vezes me dá saudade de sair na rua, de ir ao supermercado, à padaria, de boa mesmo. É meio difícil...

Qual a música que você mais gosta de cantar em seus shows?

A música que eu mais gosto de cantar nos meus shows? Hum... difícil. Acho que é Você Não Sabe O Que É O Amor.

Você tem feito muitos shows por mês, sobra tempo pra compor?

Sobra. Tem que sobrar, né? No hotel, nas viagens, eu consigo compor, sim.

Como funciona o processo de composição pra você, o que o inspira?

Na verdade, eu não sei dizer o que me inspira. Algumas músicas aconteceram comigo mesmo, as histórias eu quero dizer. Eu passo pra música histórias que aconteceram comigo, mas, na maioria das vezes, são meus amigos que me contam coisas, me dão os temas, e eu faço a música a partir daí.

Você já viveu uma paixão Meteoro? Já se envolveu com alguém que partiu seu coração (como em Você Não Sabe O Que É O Amor)?

Já, nos dois casos (risos). Eu acho que um ocasionou o outro, sabe? Foi o meu primeiro amor. Eu era muito apaixonado e quando ela terminou me deu raiva. Acabou comigo, mesmo.

Existe um momento disputadíssimo nos seus shows, em que você dá um chocolate na boca de uma fã. Alguma garota já foi mais saidinha?

Já. Tem menina que coloca só a boca no chocolate e não morde logo, fica chupando, entende?! Aconteceram só umas três vezes e eu fiquei um pouco sem graça, mas tem que levar de boa!

Suas fãs o defendem com unhas e dentes. O que você faz para manter o contato com elas?

Acho que é como se a gente fosse uma família mesmo. Quando alguém critica ou fala mal, elas lutam como se fosse com elas próprias. É um amor totalmente diferente, a gente não via isso principalmente no meio sertanejo. O meu objetivo é fazer história na música sertaneja e eu acho que estou conseguindo. Eu tenho

Twitter, eu uso muito a internet, então, esse contato é meio que direto. A gente faz promoções com as fãs, estamos sempre tendo esse relacionamento, esse contato.

Você costuma entrar com frequência no Twitter? Dá tempo de ler o que suas fãs escrevem?

Ler eu leio bastante. Não vou dizer que é tudo porque é muita coisa que chega, mas eu procuro ler o máximo que posso. Infelizmente, não dá pra responder pra todo mundo porque é muita gente. Mas eu entro com frequência, eu tô bem ligado no Twitter.

Você disponibiliza um tempo para receber fãs no camarim depois dos shows?

Eu faço isso antes dos shows, pois quando acaba vamos embora direto. Mas a gente atende bastante gente, umas 80, 100 pessoas.

Você participou de Malhação e o Fiuk participou de um dos seus shows. Vocês têm contato?

Sim, eu tenho bastante contato com ele, a gente se fala direto. Ele participou do show no Rio de Janeiro e foi muito legal participar de Malhação também.

Você tem vontade de fazer outros trabalhos como ator?

Não, meu negócio é cantar mesmo. Acho que eu não levo muito jeito pra atuar.

O que você mais gosta de fazer quando tem um tempo livre?

Eu sou bem caseiro. Gosto de ficar em casa, de ir ao cinema. Adoro pescar, gosto de fazenda, essas coisas... Só que pra isso você precisa de muito tempo. Quando eu tô em casa eu gosto de ficar com a família, fazer um churrasquinho, reunir os amigos e tomar tereré.

Fonte: <https://todateen.com.br/entrevista-luan-santana/> (acesso em agosto/2017).

CURIOSIDADE

Todateen é uma revista brasileira publicada mensalmente pela Editora Alto Astral, direcionada ao público adolescente feminino. A revista fala sobre amor, sexo, relacionamento, drogas, família, moda, beleza, saúde, música, ídolos e baladas, entre outros assuntos contém testes e horóscopo.

Teve sua primeira edição publicada em 1995. No final de 2010, mais de 16 milhões de exemplares tinham sido publicados. Em 1998, foi lançado o *Portal Todateen*, com o objetivo de alcançar o público na internet; em 2010, o *site* tinha, em média, sete milhões de acessos mensais.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Todateen> (acesso em setembro/2017)



NAS ONDAS DO TEXTO...

1. Qual é o gênero do texto acima?

2. Como é organizado, basicamente, esse gênero textual?

3. Você conhece o entrevistado? Por que acha que ele foi convidado pela revista?

4. A revista Todateen tem que público-alvo como leitor?

5. Quais assuntos foram abordados no texto?

6. Como vieram marcadas as perguntas e respostas?

7. A entrevista possui linguagem mais formal ou menos formal? Dê exemplos do texto.



VAMOS RECORDAR?

A entrevista é um gênero textual que necessita de pelo menos dois interlocutores – um entrevistador e um entrevistado. Normalmente, os entrevistados são pessoas conhecidas do grande público, artistas, por exemplo, pois as pessoas gostam de saber sobre seu ídolo. Os assuntos tratados em uma entrevista podem ser variados: profissional, pessoal, opinião sobre temas polêmicos e são veiculados em mídias diversas como revistas, jornais impressos ou televisivos, rádio e, internet.



ENTREVISTA 2- UM PAPO COM O CRAQUE

A entrevista foi lida em voz alta e depois discutida com os colegas de turma.



Jogo rápido com Neymar

Corre pra saber mais sobre o craque que estrela a capa da CAPRICHÔ!

Aos 19 anos, **Neymar** não se destaca apenas pelos gols que marca em campo: o cara é superfofo com as fãs e, vaidoso, está sempre impecável!

CAPRICHÔ: Qual é a sua maior qualidade?

Neymar: Estou sempre sorrindo, sempre feliz. Sou bem humorado, mas claro que fico de mau humor às vezes.

O que te deixa de mau humor?

Ah, nada específico. Fico irritado com alguma coisa, mas logo passa. Tipo, acordar cedo é chato. (risos)

Seu maior defeito?

Preciso aprender a mexer no rádio. (risos) E tenho preguiça de falar no telefone.

Qual foi a melhor coisa que você comprou com seu dinheiro?

A casa dos meus pais.

Seu prato preferido?

Arroz, feijão, bife e batata frita.

Qual é a sua maior qualidade?

Estou sempre sorrindo, sempre feliz. Sou bem humorado, mas claro que fico de mau humor às vezes.

O que te deixa de mau humor?

Ah, nada específico. Fico irritado com alguma coisa, mas logo passa. Tipo, acordar cedo é chato. (risos)

Seu maior defeito?

Preciso aprender a mexer no rádio. (risos) E tenho preguiça de falar no telefone.

Quais são seus jogadores preferidos?

Robinho, Ronaldo e Zidane.

Qual seu filme preferido?

Pode ser série? Two and a Half Man!

Qual super-herói gostaria de ser?

Homem-Aranha.

Se defina em uma palavra.

Ousaaado. (risos)

Se seu quarto estivesse pegando fogo e você tivesse tempo de salvar uma coisa, o que seria?

Meu celular, claro. (risos)

Qual foi última coisa que você comprou?

Uma bolsa para minha irmã.

Você não pode sair de casa sem...

Celular, boné, brinco e relógio.

Qual famoso você gostaria de conhecer?

Will Smith.

Qual perfil você mais gosta de seguir no Twitter?

Thiago Leifert, meu parceiro.

É difícil te conquistar, mas o que a garota tem que fazer para você se apaixonar?

Gosto que me dê atenção e carinho. Tipo, não sou um cara que gosta muito de surpresa e essas coisas, fico constrangido. (risos) Não parece, mas eu sou um pouco tímido. (risos)

Fonte: <https://capricho.abril.com.br/famosos/jogo-rapido-com-neymar/> (acesso em

agosto/2017).

CURIOSIDADE

CAPRICO: Lançada em 18 de junho de 1952 pelo fundador da Editora Abril, Victor Civita, foi a primeira revista feminina do Brasil, e trazia temas sobre moda, astrologia, maquiagem.

No final da década de 1990, iniciou operações de licenciamento, levando sua marca a bens de consumo, como fragrâncias, maquiagens, material escolar, mochilas, lingerie e roupas. Nos anos 2000, a publicação passou a utilizar a internet como uma nova plataforma de interação com seus leitores.

Em de junho de 2015, a editora retirou a revista de circulação, após profundas mudanças na empresa e, desta maneira, a Capricho passou a existir somente em seu portal na internet, sem a versão impressa.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capricho> (adaptado).



PAUSA PARA A DISCUSSÃO ORAL

1. O que você observou, na estrutura do texto, que é comum nas duas entrevistas?
2. A entrevista possui título e subtítulo, vamos identificá-los nos texto.
3. Qual a função deles na entrevista?
4. Por que foi usada linguagem informal no texto?
5. Comente o uso do termo “risos” usado pela revista.
6. Qual o público-leitor da revista?

Entrevista: uma conversa dirigida

Aulas 4 e 5: sondagem de conhecimentos prévios sobre o gênero entrevista e primeira produção textual

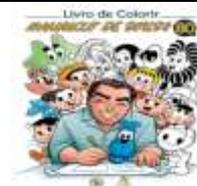
*Comparar as entrevistas 1 e 2 com a terceira, que é mais formal e tem como público-alvo adultos, observar a mudança na escolha da linguagem e inferir os motivos de acordo com o contexto.

*Previsão: 2 aulas.

*Objetivos: identificar os conhecimentos adquiridos dos alunos a respeito do gênero entrevista através da reescrita da entrevista realizada com o colega de sala, complementando e, modificando quando necessário.

Nessa etapa, os alunos já puderam perceber que sua primeira produção escrita está incompleta, que foi composta apenas por perguntas e respostas, mas que faltam o título e subtítulo, por exemplo.

ENTREVISTA 3- O PAI DA TURMA DA MÔNICA



Fonte: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-130549/> acesso em setembro/2017.

Por que colocar crianças de verdade nos papéis da Turma da Mônica pela primeira vez num filme?

Estamos ousando. Fui convencido de que agora temos capacidade e boas condições de encarar esse desafio. Podemos treinar os cãesinhos e cuidar bem da criançada que vai trabalhar no filme. Queremos um filme alegre, que inspire e que marque época.

Como será a escolha dos atores?

Logicamente vamos buscar crianças com as características físicas mais parecidas com as personagens, mas vamos atrás de talento. A gente tem visto em programas de televisão, tipo “The Voice Kids”, como a criançada de hoje enfrenta as câmeras com categoria. Pensando nisso, abriremos as inscrições para amadores, que serão treinados pelo pessoal da produção (Quintal Digital e Latina Estúdio). Enquanto ainda estava em testes, o site www.turmadamonicaofilme.com.br, criado para as inscrições, recebeu 1,5 mil vídeos. Isso mesmo sem divulgação. Esse ainda é um universo desconhecido para nós, que teremos de domar tudo isso. As crianças selecionados serão dirigidas como pequenos grandes artistas.

O sucesso de “A Bela e a Fera”, que rendeu mais de US\$ 1 bilhão em bilheteria, e o anúncio de novas adaptações da Disney com atores teve alguma influência?

Não foi esse o apelo. Independente de situações anteriores no cinema mundial, hoje nós podemos e queremos enfrentar um desafio como esse. Foi algo natural. É bom que eles tenham feito, porque assim nos sentimos em boa companhia.

A Turma da Mônica é imune à crise?

Nós temos 10 milhões de leitores permanentes no Brasil. Isso vem se mantendo de forma constante ao longo dos anos. Entra crise, sai crise, a gente continua vendendo milhões. Mesmo com o fechamento de muitos pontos de venda, nosso leitor permanece fiel. Soubemos de gente que se deslocou até 80 quilômetros só para não perder a coleção depois que a banca da cidade dele fechou.

O que explica a longevidade da Turma?

Eu poderia dar uma porção de explicações — ou de tentativas de explicação. Mas eu realmente não sei. Temos pistas. Uma delas é a proximidade intelectual e de costumes das personagens com as crianças brasileiras. Também é muito forte a identificação com a humanidade das histórias, provavelmente porque todas as personagens foram inspiradas em gente existente, minhas filhas, filhos, amigos, parentes. Todo mundo conhece alguém como a Mônica. A gente entra de sola numa realidade vivida. Além disso, a Turma tem pai e mãe. Faz mais de 50 anos que eu cuido pessoalmente disso. Mais recentemente, com a ajuda da minha mulher, Alice Takeda, que é a diretora do estúdio. Eu sou o pai e ela é a mãe. Nós mantemos um cuidado na mensagem. Não há quebra de filosofia.

Isso permanece mesmo com a concorrência da internet?

Entre nossos produtos novos há desenhos animados de 30 segundos para o YouTube, a série “Mônica Toy”. A tirinha de jornal de antigamente hoje é o YouTube. Está saindo aos milhões e milhões para o mundo todo. (O episódio especial de Páscoa, lançado em 12 de abril, chegou a 19 milhões de visualizações em 15 dias). É um sucesso tão grande que estamos planejando outras séries com o mesmo formato, sem falas. Por não ter a barreira do idioma, entra instantaneamente em qualquer país, Rússia, Japão... Ao mesmo tempo, mostra o universo da Turma da Mônica como ela foi criada, bem moleca, como a criança é em qualquer lugar do mundo. Isso é universal.

Antes do YouTube, suas histórias em quadrinhos circulavam em quase trinta países. Quais adaptações precisaram ser feitas para atender às diferentes culturas?

Pouca coisa. Por exemplo, na Indonésia, quando a Mônica e a Magali iam à praia, tinham de usar um maiô inteiriço e não biquíni. Há países em que o Bidú (cachorro) não pode fazer xixi no poste, senão a editora é multada. Na Grécia, os meninos não podem de jeito nenhum assobiar para uma menina na rua. A gente vai aprendendo o que é mico e faz o que é permitido.

E no Brasil, de que forma as características das personagens se adequaram aos novos tempos?

No começo a Mônica era um pouquinho mais violenta, dava umas pegadas mais doloridas na turminha. Uma criança de Brasília nos escreveu dizendo que se ela continuasse batendo daquele jeito no Cebolinha, ele não compraria mais a revista. Aquilo tocou o estúdio todo. Acompanhamos o que acontece. Temos um lema: a Turma da Mônica não levanta nenhuma bandeira. Quando muito ela pode segurar a bandeira que está passando. Falamos com um público que tem as mais variadas crenças e credos. (...)

Fonte: <http://istoe.com.br/o-mundo-precisa-de-mais-turmas-da-monica/html> (acesso em agosto/2017) adaptado)

CURIOSIDADE

A **ISTOÉ** é uma revista semanal brasileira de informações gerais, criada em 1976. Seu primeiro diretor de redação foi o jornalista Mino Carta, principal autor da concepção original do projeto editorial. A revista é publicada pela Editora Três, empresa fundada pelo empresário Domingo Alzugaray. É conhecida por abordar temas polêmicos sobre política, tendo como público leitor adultos escolarizados e de bom nível social. Sua maior concorrente é a Revista Veja, de mesmo seguimento.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/ISTO%C3%89> (adaptado/ acesso em agosto 2017).



NAS ONDAS DO TEXTO ...

1. Você conhece Maurício de Souza?

2. Qual veículo de comunicação divulgou a entrevista? E qual seu público-leitor?

3. O público da revista justifica a escolha da linguagem formal? Justifique.

4. A estrutura é a mesma das entrevistas lidas anteriormente? Por quê?

5. Qual a função do parágrafo de introdução da entrevista?

6. Qual das entrevistas lidas foi sua preferida? Comente.



FIQUE POR DENTRO!

Você sabia que a entrevista é um gênero que precisa ser previamente organizado? Normalmente ocorre na escrita, vai para o oral e retorna para a escrita. Trata-se de um gênero que exige habilidades do entrevistador para se conseguir boas respostas, para tanto as perguntas devem ser bem elaboradas, levando em conta o suporte, o público e sua função comunicativa.



ORALIZANDO

1. Você gosta de ler ou assistir a entrevistas?
2. Em que mídias?
3. Quais entrevistas você se lembra de ter lido ou assistido?
4. Qual motivo ou quais motivos levaram você a se interessar por elas?



PRODUÇÃO DE TEXTO 2

HORA DE REECREVER SUA PRIMEIRA ENTREVISTA.



PRODUÇÃO TEXTUAL: RETEXTUALIZAÇÃO

Retornamos à entrevista que foi feita com os colegas de sala. Depois de ter analisado algumas entrevistas, chegou a hora de reescrevê-la para entender que entrevista não se resume a perguntas e respostas, pois sua estrutura também tem título, subtítulo, introdução e fonte. Então reorganizaram, complementaram e corrigiram as falhas constatadas após o estudo feito até aqui, contando com a orientação da professora.

Este foi um momento importante para avaliar se os alunos conseguiram apreender certas características formais do gênero entrevista. Após a correção, foi solicitado que socializassem o aprendizado com a turma o que estava faltando na primeira produção. Foram deixados à vontade para conversar, fazer as correções coletivas e para frisar elementos da estrutura consideradas importantes para as atividades a seguir, pois estas primeiras produções foram fundamentais para o

planejamento de intervenções futuras, a fim de contemplar o que os estudantes necessitavam aprender.

ENTREVISTA: uma conversa dirigida

Aulas 6 e 7: A entrevista agora é na telinha!

*Ler, ouvir, analisar e comparar os diferentes tipos de entrevistas, inferindo suas características principais, seu contexto de produção, linguagem e suporte de divulgação.

*Previsão: 2 aulas.

*Objetivos: reconhecer as características da tipologia do relatar; identificar as características que envolvem o gênero entrevista.

ENTREVISTA E OUTRAS MÍDIAS



Assistindo a entrevista abaixo:

A entrevista a seguir é oral. O que muda? Quais elementos estão presentes no vídeo que não estão presentes na entrevista escrita? Vamos conferir?!



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KGdpmWxt6Qk> (acesso em agosto/2017)



NAS ONDAS DO TEXTO...

1. Quais são os interlocutores – entrevistado e entrevistador – respectivamente?

2. Como os interlocutores estão posicionados? Este posicionamento é importante?

1. A introdução, que antecede a entrevista propriamente dita, foi feita?

2. No vídeo você tem outros recursos que a entrevista escrita não possui. Comente.

3. Qual o assunto tratado na conversa dirigida de Zivaldo e Maurício de Souza?

4. E quanto à linguagem usada, é mais formal ou informal?

5. Qual é, em sua opinião, o público desta entrevista?



FIQUE POR DENTRO!

As entrevistas ganharam muito espaço na TV e canais de internet e hoje há inúmeros programas só para receber e entrevistar pessoas públicas como artistas, políticos, atletas, autores e outros. Os programas são muito variados, uns tratam de temas mais sérios, outros focam no humor. Agora, entrevistar virou profissão. Você já pensou em ser um entrevistador famoso?

Aula 8 e 9: Hora de refletir sobre nosso futuro entrevistado (comportamento)



* Os vídeos a seguir propuseram uma reflexão acerca dos idosos, além de divulgar uma entrevista realizada por alunos em um asilo e seus pontos positivos e negativos.

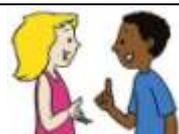
*Previsão: 2 aulas.

*Objetivos: pensar sobre as abordagens adequadas a seguir com os idosos, refletir sobre postura, entonação de voz, linguagem (dialogismo).

Neste momento, os alunos tiveram como foco os seus futuros entrevistados – os idosos do Lar Santa Teresa de Jornet - sendo importante que refletissem a respeito da velhice e suas limitações.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=vtBvHsgR5go> (acesso em agosto/2017).



PARA FALAR E OUVIR

1. O vídeo fala sobre os idosos. Em sua família há pessoas idosas? Você convive de perto com elas?
2. Você acha que envelhecer é difícil? Por quê?

3. Cite algumas limitações físicas e/ou psicológicas que a pessoa idosa possui.
3. Acredita que a sociedade trata com o devido respeito a população idosa do Brasil?
4. Qual a mensagem, em sua opinião, que o vídeo deseja deixar aos espectadores?

Aqui, foi dado espaço para que a turma falasse e trocasse impressões a respeito do vídeo. Os alunos também foram incentivados a trocarem experiências pessoais ou a comentarem notícias e casos de que ouviram falar sobre o tema.



VOCÊ SABIA?

Projeções das Nações Unidas (Fundo de Populações) indicam que uma em cada nove pessoas no mundo tem 60 anos ou mais. O estudo aponta, ainda, que, em 2050, pela primeira vez, haverá mais **idosos** que crianças menores de 15 anos. Em 2012, 810 milhões de pessoas têm 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global.

Fonte: www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados.../dados-sobre-o-envelhecimento-no-brasil. (acesso em agosto/2017).

AMPLIANDO SEU CONHECIMENTO SOBRE O GÊNERO ENTREVISTA ORAL

Já sabemos que o comportamento do entrevistador diante do entrevistado faz muita diferença, já que para ser uma boa conversa faz-se necessário deixar o seu interlocutor à vontade, prestando atenção no que ele diz, para poder intervir com novas perguntas de acordo com as possibilidades dadas pelo entrevistado.



DE OLHO NO ENTREVISTADOR!

Mais um vídeo...



Fonte: https://youtu.be/p2nA_IYa3gQ (acesso em agosto/2017)

Foi necessário que os alunos assistissem ao vídeo mais de uma vez para que tivessem a chance de observar a postura, o tom de voz, a atenção dada ao entrevistado, e fossem capazes de perceber os pontos positivos e negativos da entrevista.



NAS ONDAS DO TEXTO...

1. Sabemos que o gênero entrevista é previamente organizado da linguagem oral para a escrita, por exemplo. Por que é utilizado esse recurso?

2. A primeira entrevistadora está prestando atenção às respostas do entrevistado? Isso prejudica a qualidade da entrevista?

3. Observe que a entrevistadora está presa às suas anotações. Você acha que ela acaba perdendo a chance de explorar mais as respostas do entrevistado? Comente.

4. A audição dos idosos fica comprometida por conta da idade. Por isso, como devemos proceder ao entrevistá-lo?

5. Para evitar perguntas pouco elaboradas como nome, idade, local de nascimento, que estratégia é usada no gênero entrevista?

6. Qual a linguagem mais adequada para falar com os entrevistados idosos de pouca escolaridade? Por quê?

7. Quais são, portanto, as características de um bom entrevistador?



PARA REFLETIR: a parte principal da entrevista é o corpo composto por perguntas e respostas – na escrita usa-se o ponto de interrogação. E na oralidade, como podemos percebê-lo?

Aulas 10 e 11: Sistematizando o que aprendemos

* A proposta é ver o que os alunos já aprenderam sobre o gênero entrevista e o que precisa ser revisto

*Previsão: 2 aulas.

*Objetivos: analisar a especificidade de determinadas marcas linguísticas pertencentes ao gênero.

ESTUDO DA LÍNGUA



O texto a seguir foi lido e as questões propostas discutidas.

ENTREVISTA COM ANITTA: "TIVE QUE LARGAR TUDO E ESCOLHER FAZER MÚSICA"

A cantora Anitta bateu um papo com a gente sobre fama e inspirações



Ela é linda, divertida e tem uma vida super corrida. A cantora **Anitta** realmente não para. Mas, mesmo com a agenda super cheia, nós conseguimos bater um papo com ela quando passou por Porto Alegre, na última quarta-feira, dia 31.

Anitta, a primeira pergunta é: o que você acha de responder sempre às mesmas perguntas?

(risos) É uma loucura, meu amor!

Você tem o texto decorado?

Não, não tenho o texto decorado, mas acaba sendo a mesma resposta porque eu penso a mesma coisa, não vou trocar de ideia a cada 10 minutos.

Quando que você decidiu largar tudo e se dedicar à música?

Eu tive que fazer essa escolha, chegou um momento em que eu tive que largar tudo e escolher fazer música. O **Show das Poderosas**, quando eu escrevi, eu imaginava que ia ser um sucesso muito grande. Ninguém acreditou junto comigo, mas depois todo mundo passou a acreditar.

Qual é a sensação de ouvir sua música em todo lugar que você vai?

É muito bom e gratificante ver que você conseguiu uma coisa assim, que todo mundo fala. É muito bom isso.

Nesse clipe novo você atua, interpreta uma personagem. Já pensou em atuar como atriz?

Já, fiz um ano de teatro, e quero continuar quando tiver tempo. Eu adoro atuar, acho muito legal.

A gente pode esperar mais cliques desse jeito?

Pode, com certeza. Tem vários roteiros que eu escrevi, e que eu vou atuar.

No final do ano tem especial do Roberto Carlos. Vai ter Anitta por lá

Não sei, tomara, né? Já pensou se rola um convite?

Não teve convite ainda?

Não! Talvez ainda esteja cedo pra isso, tomara que esteja cedo. Seria um sonho, com certeza, ia ser muito importante pra mim.

Que figuras te inspiram na música?

Sempre fui muito eclética, eu escuto de tudo. Acho que existe música boa em todo lugar, de todos os ritmos.

Já te compararam com a Kelly Key. E aí?

Muitas vezes, por conta do discurso das músicas. Eu gosto, não me incomoda nem um pouco. Ela teve um momento muito importante na música brasileira, movimentou muita gente que seguia, curti. É muito legal ser comparado assim. Estive com ela esses dias, ela é muito gente boa.

Fonte: <http://kzuka.clicrbs.com.br/> (acesso em agosto/2017)

CONCEITUANDO- LINGUAGEM FORMAL E INFORMAL

Linguagem formal é aquela que segue a norma culta, evita gírias e jargões e respeita a concordância. Por isso é usada em situações mais polidas, como uma palestra, uma entrevista de emprego, um texto jornalístico. Já a **linguagem informal** é mais espontânea, tem marcas da oralidade, permite o uso de gírias e interjeições, e é comumente usada em conversas do dia a dia, redes sociais e diários, por exemplo.

FICAADICA: O importante é a linguagem estar adequada ao contexto de produção do texto, seja ele oral ou escrito.

Neste ponto, considerando necessário, podemos explorar mais os conceitos de variação linguística levando outros exemplos para a sala. Lembrando: o foco é a aprendizagem do aluno.



AGORA, UM DESAFIO!

ESTUDO DA LÍNGUA

1. O que representa a parte entre aspas do título *Entrevista com Anitta* "tive que largar tudo e escolher fazer música" ?

2. Observe que numa entrevista as perguntas seguem uma linha temporal, ou seja, vai do passado, passa pelo presente e termina com o futuro. Marque essa cronologia na entrevista de Anitta.

3. Grife, no texto, passagens em que haja marcas da oralidade, como interjeições, gírias e, abreviações, por exemplo.

4. Em sua opinião, quem é o público-alvo desta entrevista? Justifique sua resposta.

5. Para recordar: explique as funções do título e subtítulo de uma entrevista.

O modo indicativo é aquele comumente usado em entrevista, pois indica fatos reais.

Tempos verbais: presente indica o momento da em que se fala; o tempo pretérito indica o momento passado em relação ao tempo presente, e pode ser perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito; e o futuro indica algo que ainda irá ocorrer.

ENTREVISTA: uma conversa dirigida

Aula 12 e 13: Seleção Temática e análise do questionário padrão (preparando-se para a entrevista)

*Selecionar, conjuntamente com a sala, possíveis temas para elaboração das perguntas.

*Previsão: 2 aulas

* Objetivos: compreender que a entrevista é um gênero discursivo que transita entre o oral e a escrita e vice-versa, e que se faz necessário elaborar as perguntas com base no entrevistado.

FORMULÁRIO PADRÃO/ENTREVISTA

(deverá ser aplicado antes do início da entrevista para posterior produção do parágrafo introdutório).

- 1) NOME COMPLETO: _____
- 2) IDADE: _____
- 3) NATURALIDADE (onde nasceu):

- 4) FILIAÇÃO:
NOME DO PAI: _____
NOME DA MÃE: _____
- 5) QUANTIDADE DE IRMÃOS: _____
- 6) ESCOLARIDADE (estudou ou não/ até que série):

- 7) PROFISSÃO: () SOLTEIRO () CASADO () VIÚVO
() DIVORCIADO
- 8) QUANTOS FILHOS: _____
- 9) QUANTOS NETOS: _____

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS (a serem preenchidas através de observações pessoais do aluno-entrevistador)

O idoso parece:

() triste () feliz () cansado () doente
() _____

O idoso possui:

() boa aparência () alguma debilitação

O idoso mostrou-se estar:

() lúcido com boa memória () confuso com pouca memória

O questionário padrão foi elaborado para contribuir para a produção, após a entrevista, do título, subtítulo e parágrafo introdutório.

Já para a entrevista propriamente dita – perguntas e respostas - as duplas de alunos-entrevistadores produziram antecipadamente as questões que gostariam de ver respondidas pelo idoso. Para tal tarefa será estabelecida primeiro a área temática principal, **neste caso o passado vivenciado pelo entrevistado**, e a partir daí alguns temas secundários serão pensados coletivamente.

O quadro abaixo é um exemplo prévio, com possíveis inclusões dos alunos, sobre **alguns temas para formulação das perguntas**:

Infância	Brincadeiras e brinquedos preferidos, comidas e sabores que ficaram na lembrança;
Família	Relação afetiva com os pais e irmãos, criação/educação e possíveis castigos ;
Lazer	Diversão (festas, quermesses, passeios);
Relacionamentos	Como era o namoro e o casamento;
Trabalho/ financeiro	Como era a profissão que desempenhavam, se era difícil sustentar e educar os filhos;
Curiosidades	Exemplos: como era viver sem recursos (geladeira, TV, farmácias próximas, hospitais, transporte público, etc.);
Crenças/religiosidade	Em que acreditam, que papel Deus desempenha em suas vidas, etc.
Opinião política	Algum interesse sobre política, educação, saúde.
Vida atual	Por que se encontram num lar temporário, se recebem ou não visitas, se são respeitados e como se sentem, conselhos que desejam deixar aos jovens, etc.

Aula 13 e 14 : Práticas de transcrição (relação oral e escrita) e de reescrita

*Analisar o texto na modalidade oral e reescrevê-lo na modalidade escrita da língua, considerando as características próprias de cada modalidade.

*Previsão: 2 aulas.

*Objetivos: compreender as características do texto na modalidade oral e escrita sob uma perspectiva não polarizada.



AMPLIANDO O CONHECIMENTO

A fala e a escrita são duas modalidades de uso da língua. Quando produzimos um texto escrito, para nos comunicarmos, temos a possibilidade de avaliá-lo e modificá-lo até o resultado final, sem que essas alterações sejam de conhecimento de nosso interlocutor (leitor). Já a fala não nos possibilita esse processo de revisão, pois as reformulações ocorrem à medida que está sendo produzida, apresentando, dessa forma, pausas, hesitações, etc. No entanto, essa peculiaridade não pode ser suficiente para considerarmos a fala como o lugar do erro e a escrita como exemplo de bom uso da língua, sob uma perspectiva dicotômica.

Fala e escrita fazem parte de um mesmo sistema linguístico, cada qual com suas especificidades, de modo que a escrita não representa a fala. Na língua falada fazemos uso de aspectos como: entonação, gestos, postura que conferem sentido ao texto; já na escrita esses aspectos são substituídos, por exemplo, pelos sinais gráfico.

Dessa forma, as duas modalidades da língua podem sofrer variações de acordo com o contexto e o grau de monitoriamente, mais ou menos formal, no qual é produzido. Elas interagem e se complementam.



Segue a transcrição do vídeo “A tirinha que emocionou o mundo”.

“O vido mostra um desenhinho que ...e tem textos qui vai passando embaixo...qui...acho qui vai explicano os desenhos...É qui é...pra mostra que os pais fazem bastante pelos filhos...fazem muito...muitas coisas...ensinam coisas pros filhos e ...tem paciência...só qui...eles vão envelhece... e qui daí a genti tem que ajuda eles...ter carinho...e...paciencia tamem...pra faze o mesmo . O vido quis mostra qui...a gente pense

sobre isso de fica velho...e pense...sabe...sobre isso...trati eles com amor...eles merecem...acho qui é só isso...eu...eu gostei...bonito...quasi qui chorei.”



MÃOS NA MASSA!

Agora, imaginando que tínhamos que publicar uma descrição sobre o vídeo “A tirinha que emocionou o mundo” na página da escola, em uma rede social para que todos os alunos e a comunidade conhecessem esta versão, foi feita a reescrita coletiva do texto oral para o escrito. Utilizando sinais de pontuação, eliminando as pausas, repetições e hesitações sem necessidade, trocando, acrescentando, excluindo ou invertendo palavras; porém, o sentido do texto foi preservado.

“O vídeo nos mostra uma sequência de imagens e textos explicativos sobre o que os pais fazem pelos filhos, a paciência com que ensinam. Mas eles envelhecem, e teremos que ter a mesma paciência para ajudá-los com carinho e amor. O objetivo do vídeo é fazer refletir sobre a velhice. Eu gostei, achei muito bonito e me emocionei.”

Essa atividade foi mediada pelo professor e a retextualização foi feita na lousa com a participação dos alunos. O objetivo da atividade foi demonstrar a diferença entre um texto oral e um escrito.

Aula 13: Além da entrevista, uma boa ação



*Arrecadação de mantimentos não perecíveis e matérias de higiene para doar ao Lar Santa Teresa de Jornet

*Previsão: 1 aula

* Objetivos: envolver os alunos e comunidade escolar em torno de uma ação coletiva e social de solidariedade, como forma de demonstrar carinho e respeito.



Os alunos foram mobilizados, durante as atividades em torno no gênero entrevista, a refletirem sobre seu entrevistado de maneira especial e carinhosa, por isso essa ação de solidariedade sintetizou de modo concreto o respeito da Escola

Dalton aos idosos do Lar e, em extensão, simbolicamente, a toda população idosa brasileira.

O ensino de um gênero discursivo num contexto real e com interlocutores reais suscita discussões bastante positivas em torno de temas sociais e colabora, além da formação formal escolar, para a formação de pessoas mais reflexivas e responsáveis.

O GRANDE DIA CHEGOU! O ENTREVISTADOR É VOCÊ!

Aula 14, 15 e 16: Visita ao Lar Santa Teresa de Jornet, hora da entrevista real.



*Fazer as entrevistas com os idosos moradores do lar.

*Previsão: 3 aulas.

*Objetivos: aplicar os conhecimentos adquiridos por meio das atividades dirigidas e realizar a sua entrevista oral.

Neste momento, a visita já havia sido previamente agendada, o transporte solicitado e também agendado, as autorizações já enviadas aos responsáveis dos alunos e devidamente assinadas.

As perguntas das entrevistas já foram feitas a partir dos temas selecionados coletivamente e foram devidamente passadas em um rascunho. Além de caderno e caneta, as duplas de alunos-entrevistadores levaram um celular para gravar as conversas dirigidas para posterior transcrição.

A seguir, exemplos de perguntas produzidas pelos alunos a partir do quadro temático e seguindo a ordem cronológica, ou seja, partindo da infância, passando pela juventude e idade adulta e chegando aos dias atuais.

- Como foi era a relação com seus pais na infância?

- Quais eram suas brincadeiras favoritas?
- Quando fazia bagunça, seus pais o corrigiam de que maneira?
- E na escola, como eram as aulas naquele tempo?
- Quais eram os momentos de lazer em sua juventude?
- E o namoro antigamente, como acontecia? Pode dar exemplos?
- Em que circunstâncias escolheu sua profissão?
- O que mudou depois que se casou?
- Qual a pior parte de envelhecer?
- Como veio morar no Lar? Recebe visitas frequentemente?
- Em sua opinião, os idosos são respeitados no Brasil? Comente.
- De que sente saudades e o que viveria novamente se fosse possível?
- Se pudesse voltar no tempo, o que mudaria? Por quê?
- Deixe um recado aos adolescentes de hoje.



Aulas 17 e 18: Transcrição da entrevista oral

*Passar para a linguagem escrita a entrevista gravada em celular.

* Previsão: 2 aulas

* Objetivos: Transcrever a entrevista realizada no Lar dentro da estrutura do gênero discursivo entrevista e todas as suas partes (título, subtítulo, introdução, corpo e fonte).

Foi estabelecido um limite de perguntas, de 12 a 16, e os alunos foram orientados a selecionar as respostas mais inusitadas e completas durante a edição.



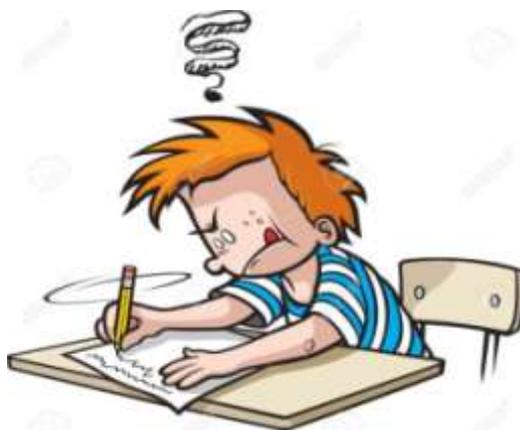
DO ORAL PARA O ESCRITO

Após a edição das entrevistas, os textos de cada dupla de entrevistadores foram corrigidos.

Aulas 19 e 20: Produção Escrita Final da Entrevista

*Objetivos: retextualizar a versão escrita da entrevista, inserindo sinais de pontuação, evitando marcas da oralidade como pausas, interjeições, hesitações e repetições desnecessárias, corrigindo eventuais erros de concordância.

PRODUÇÃO ESCRITA FINAL



Enfim, a etapa final. As entrevistas foram corrigidas, passadas a limpo e em seguida entregues ao professor. Elas compõem o anexo deste trabalho.



MOMENTO DE APLAUDIR!

CAFÉ COM ENTREVISTAS: uma boa prosa.





Aula 21: Socializando as produções

Para encerramento do projeto, foi realizado um café para apresentar as produções finais dos alunos e conversar sobre suas experiências com os pais, comunidade escolar e representantes do Lar Santa Teresa de Jornet.

A produção final e sua socialização são partes fundamentais para valorizar o trabalho e dedicação dos alunos, fez-se necessário, portanto, o reconhecimento do professor e da escola pelas atividades cumpridas e resultados alcançados.

3.4. Analisando os resultados

Os resultados são consequência do processo de desenvolvimento do projeto, e quando decidimos realizar um projeto de letramento, o foco é sempre a ressignificação da aprendizagem do aluno e sua compreensão dos gêneros discursivos como elementos de comunicação social. O próprio início do trabalho já exigiu que os alunos refletissem sobre o porquê de usarmos determinado gênero para atingir nosso objetivo; desse modo, como nós queríamos saber sobre a vida dos idosos do Lar, teríamos que fazer perguntas a eles, e para isso necessitávamos de um gênero discursivo que atendesse a essa finalidade, portanto, sozinhos, os alunos chegaram à conclusão de que teríamos que realizar uma entrevista. Também compreenderam desde o começo que teriam que organizar as atividades e melhorar seu conhecimento sobre o gênero selecionado e, a partir daí, trabalhamos por meio do projeto para atingirmos um fim comum, e já era possível observar um engajamento coletivo em torno do trabalho.

Quando discutimos a partir das imagens de entrevistas que foram expostas, pudemos verificar que os estudantes já reconheciam o gênero entrevista, já haviam lido, assistido ou ouvido. O conhecimento deles girava em torno, apenas, das perguntas e respostas, estrutura base da entrevista, mas desconheciam as demais partes estruturais do gênero.

Isso foi demonstrado na produção inicial, que solicitava que os alunos fizessem uma entrevista com um colega de sala. Vejamos o texto abaixo produzido pela dupla 4:

“Como é seu nome?

Me chamo A.

Quantos anos você tem?

Tenho 11 anos.

Você mora aqui?

Moro.

Estuda em que sala?

7º ano A.

Você gosta de qual matéria?

Gosto de educação física e ciências.

Obrigada, tchau”. (adaptado)

A estrutura básica da entrevista, como dito antes, era conhecida, mas não havia separação dos pares de pergunta e resposta, nem marcas para indicá-las, somente usaram o sinal de interrogação que indicava a mudança de turno dos interlocutores. Não houve nenhum preparo prévio, e as questões não tinham um tema ou assunto definido. Eles perguntaram, na verdade, sobre coisas que já sabiam, já que estudam juntos há anos. Ou seja, era apenas uma atividade de sala a ser cumprida, não tinha significado nem função, mas esta primeira produção tinha justamente a finalidade de mostrar para o professor o nível de compreensão do gênero e a profundidade de seu conhecimento específico, ficando evidente que era muito superficial, tanto no nível da estrutura, quanto do conteúdo e linguagem. De modo que

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou faz de maneira insuficiente. (SCHNEUWLY e DOLZ, p.97).

Depois desta escrita os alunos leram e analisaram entrevistas selecionadas e refletiram a partir delas sobre a incompletude de seu texto inicial. Após as discussões promovidas oralmente e por escrito, eles próprios foram capazes de verificar certas partes estruturais que desconheciam, mas que compunham o gênero entrevista. Foi um momento propício para refletir sobre qual a função de cada parte da estrutura, o título, por exemplo, e também discutir sobre o motivo daquela entrevista ter sido feita, por que com aquela pessoa, quem eram os leitores a que destinava o texto, onde seria publicada e em que contexto. Situações de aprendizagem em que os alunos, através de atividades dirigidas, constroem as próprias características do gênero em estudo, são sempre muito produtivas, pois eles vão atribuindo valor ao que aprendem.

O suporte de cada entrevista analisada também foi alvo de investigação e possibilitou verificar os públicos-alvo, além da linguagem escolhida por cada autor, de modo a atender determinado leitor já predeterminado. Também foi importante apontar as diferenças entre a entrevista oral e escrita, já que os alunos-entrevistadores teriam que passar pelas duas formas, primeiro no oral e depois para a escrita. Neste ponto, os alunos já se viam como futuros entrevistadores, e sabiam que seu papel era fundamental para o desenvolvimento do projeto.

Vamos dividir os resultados do trabalho em três dimensões, sendo a primeira o próprio envolvimento com o projeto, o engajamento e o trabalho coletivo; a segunda diz respeito ao conteúdo, ou seja, ao gênero entrevista, ampliação do conhecimento, compreensão estrutural e função social; a terceira, ao tema sobre idosos, o papel que representam e o espaço que possuem na sociedade, a alteridade, o respeito ao entrevistado.

A primeira dimensão é a aceitação do projeto, o estabelecimento da parceria entre os alunos e o professor, é estar envolvido e engajado para a realização do projeto. Todos os alunos compartilharam do mesmo entusiasmo inicial, já que o projeto era coletivo e a adesão deveria ser de todos e, para isso, eles não poderiam faltar durante as aulas, pois era um requisito importante participar do processo para, enfim, realizar a entrevista no Lar. Felizmente, durante a aplicação da sequência

didática as ausências diminuíram e as atividades foram feitas passo a passo com o auxílio de todos, sendo um ponto positivo para o resultado da próxima dimensão.

Já na segunda, o conteúdo e aprendizagem do gênero discursivo entrevista era o foco, e as atividades foram planejadas e organizadas para as turmas levando sempre em consideração o nosso contexto, as nossas dificuldades, pois uma das salas possui alunos de inclusão, sendo dois com baixa visão e uma aluna surda, além daqueles com muita defasagem no aprendizagem, principalmente na escrita. Para tentar diminuir as diferenças, as duplas foram divididas por critério de agrupamento produtivo, ou seja, alunos com habilidades e competências distintas que pudessem se ajudar mutuamente durante as atividades na escola e no momento da entrevista, já que essa atividade foi realizada em dupla. Como já são acostumados a se ajudarem durante as aulas, todos estavam dispostos a contribuir e com isso também não houve dificuldade. Foi visível durante o processo, tanto na escrita quanto na discussão oral, a melhora no domínio do gênero discursivo entrevista. Observe, a seguir, os títulos e subtítulos, escritos a partir da primeira produção escrita.

Exemplo 1:

Uma conversa animada com a sonhadora B.

B. tem só 12 anos, mas já sabe aonde quer chegar...Vamos descobrir?

(dupla 10)

Exemplo 2:

O nerd mais adorado da escola Dalton

J. só tira 10, é o queridinho dos professores e vai nos contar o segredo do seu sucesso. (dupla 1)

Agora os alunos já sabiam da necessidade de dar uma introdução para a entrevista e chamar atenção do leitor, e estas eram as funções do título e subtítulo. E foi assim também com o parágrafo introdutório, que faz uma breve apresentação do entrevistado, situando, assim, o leitor sobre o tema da entrevista. Como eles já haviam refletido durante as análises sobre esta função, sabiam que antes de iniciar a entrevista precisavam anotar informações básicas sobre o entrevistado como nome, idade, série, por exemplo. Vejamos:

Exemplo 1:

Ela está no 7^o, mora em Ourinhos e canta na missa todos os domingos, mas deseja ir muito mais longe e tem grandes planos para o futuro, ser uma cantora de sucesso, esta é B. (dupla 10)

Exemplo 2:

J. tem 12 anos, nasceu em Cambará, estuda no 7 ano A e é muito inteligente. Ele é um colecionador de notas 10 e vai dar algumas dicas pra quem quer passar direto. (dupla 1)

Neste ponto eles já sabiam que a entrevista possui, além de perguntas e respostas, outras partes que a compõem e quais eram suas funções, além do estudo da linguagem mais formal ou menos formal, de acordo com o interlocutor e público-alvo. Cada módulo da SD tinha uma atividade que complementava a anterior e assim ia aumentando o grau de conhecimento sobre o gênero. Pudemos notar, de forma geral, uma melhora considerável sobre o gênero entrevista, e em alguns casos pontuais, as atividades eram repetidas, adaptadas, ou mediadas mais de perto, pois o professor precisava estar atento às evoluções e dificuldades, corrigir, comentar e dar devolutivas.

Na terceira dimensão pudemos exercitar nosso respeito aos idosos, refletir sobre as dificuldades que a idade avançada impõe, as limitações, a falta de cooperação da família, de como é tratado o idoso no Brasil, de relatar casos que ouviram falar ou de suas experiências particulares. Foi um momento dedicado a pensar em nosso futuro interlocutor, no papel do Lar, na ausência da família. E assim, através de muita discussão pudemos traçar o perfil do entrevistado e decidir como seria a linguagem usada, a maneira como deveriam interagir, o tom de voz, da consciência que precisariam repetir, da paciência que teriam que colocar em prática e do respeito ao próximo.

Foi neste ponto que os alunos decidiram pedir algumas doações para levar no dia da visita ao Lar e arrecadaram, junto à família, aos alunos de outras turmas e à comunidade escolar, itens de higiene e limpeza e alimentos não perecíveis. É preciso frisar que eles próprios se organizaram para a arrecadação e a escola

contribuiu com as caixas de papelão para embalar. A foto abaixo registrou a chegada dos alunos ao Lar e o momento da entrega das doações.



A visita ao Lar Santa Teresa de Jornet foi dividida em dois dias, para não cansar os idosos, manter a ordem e minimizar o impacto na rotina, pois eles têm horário para o café, almoço, orações, por exemplo, sem contar a presença de idosos acamados. Em ambos os dias, houve apenas uma ausência de aluno, o que foi considerado um ponto positivo. O ponto negativo foi que uma dupla perdeu a gravação da entrevista feita no celular e não pôde, por isso, concluir o trabalho.

A intenção do projeto era que as crianças vivessem uma experiência colocando em uso o que aprenderam sobre o gênero entrevista, desenvolvendo todas as etapas, desde a seleção dos temas, a criação das perguntas, a realização da entrevista, a transcrição, até a finalização, tendo em vista um contexto extraescolar e um interlocutor real com histórias de vida para contar. Foi muito gratificante, pois foram bem recebidos pelos idosos, interagiram com demais moradores do Lar, circularam pelas dependências do asilo e ficaram muito empolgados com a experiência vivida e as pessoas que conheceram.



Por isso, um projeto não objetiva a avaliação, mas a formação plena do aluno, que é feita por instrumentos diferenciados de leitura e escrita, desde a diagnóstica, a primeira produção, passando pela formativa, evoluções ao longo do processo e atividades, até a somativa, que é a produção final e encerramento do projeto. De forma que os alunos foram avaliados durante toda a aplicação da SD, visando a aprendizagem com significação, ou seja, o letramento escolar para ser usado na vida.

Segue um exemplo de entrevista já corrigida e editada:



**Relembrando os bons momentos com a senhora C.
Um papo agradável sobre suas memórias boas e ruins.**

A senhora C., de 89 anos, nasceu em Salto Grande-SP, filha de Jeremias Vicente e de Fortunata Rosa, teve 10 irmãos, estudou até o 1º colegial. Exerceu a profissão de enfermeira, é solteira e não teve filhos e mora atualmente no Lar Santa Teresa de Jornet, em Ourinhos-SP.

Escola Dalton: Como foi sua infância? Boa ou ruim? Por quê?

C.: Média, boa em alguns momentos e ruins em outros, pois éramos pobres, não tínhamos alegria, alegria de viver era uma cachoeira para tomar banho.

E.D: Quais eram suas brincadeiras na infância? Ganhava brinquedos ou fazia?

C.: Casinha, de esconder, essas coisas comuns da vida, às vezes ganhávamos brinquedos ou fabricávamos com tabuinha ou qualquer coisa.

E.D: Você tinha amigas? Você tem contato com elas hoje em dia?

C.: Bastante. Não, cada uma foi para um lado, a vida nos separou.

E.D: Seus pais eram rígidos, bravos?

C.: Não, meu pai não, minha mãe era um pouco brava.

E.D: Você lembra dos castigos de antigamente?

C.: Castigo no reio, minha filha, o negócio era na guasca. (risos)

E.D: Como era o relacionamento com seus pais? Bom ou ruim? Por quê?

C.: Era bom, porque nunca apanhei, minha mãe era brava demais, mas fazíamos de tudo para não apanhar, éramos bonzinhos.

E.D: Como eram as escolas antigamente?

C.: Olha, minha filha, o primeiro ano que eu fiz valeu pelos quatro que algumas pessoas fizeram, porque foi muito bom, entendeu?

E.D: O estudo era fácil ou difícil? Por quê?

C.: Não, não era tão fácil, não, foi difícil, para quem estava começando tinha que pegar o livro e estudar em casa.

E.D: Hoje em dia acha que tem mais oportunidades nos estudos?

C.: Ah, com certeza, no geral hoje é excelente, antigamente só estudava quem tinha dinheiro, quem pudesse estudar fora ou pudesse ir para um internato de irmãos (católico), ficavam durante o tempo todo nas aulas e do colégio só saíam quando terminavam os estudos.

E.D: Você era feliz com sua profissão? Dava para sustentar sua família?

C.: Eu sou, amo minha profissão até hoje, não faço mais, mas amo. Sim, dava para o sustento.

E.D: Como era quando as pessoas ficavam doentes?

C.: Quando eu não era enfermeira, lá no sítio, outras pessoas ajudavam na maneira de caboclo, remédio caseiro e outras coisas, entendeu? E às vezes, remédio de farmácia.

E.D: Como era o relacionamento amoroso de antigamente comparado ao de hoje?

C.: Antigamente era mais rígido, você tinha que ter mais pudor, mais respeito consigo mesmo, porque hoje vai de qualquer jeito, antigamente não, as pessoas se davam ao respeito.

E.D: Quanto tempo você namorou?

C.: Namoro sério, quatro anos.

E.D: Você crê em Deus? Em que momento da sua vida você começou a crer em Deus?

C.: Com certeza, em várias vezes, Ele nunca falhou.

E.D: Um momento que marcou sua vida?

C.: Momento da minha vida que me marcou foi uma paixão, nunca esqueci de uma paixão, você sofre, tem que levar no tapa para não sofrer.

E.D: Você era feliz antigamente ou prefere a vida de hoje, morando aqui?

C.: Minha vida nunca mudou, toquei a vida para frente.

E.D: Quer deixar um recado para os jovens de hoje?

C.: Está faltando, nos dias de hoje, o respeito consigo mesmo, se você não se der o respeito, quem vai respeitar você? Então, você tem que dar respeito a você mesmo, não ser joguete das vontades dos outros, ter sua vontade própria e ter certeza que está certo.

E.D: Muito obrigada por falar conosco.

C.: De nada!

**Escola Dalton
Ourinhos-SP
(Dupla 15)**

A produção final, além de encerrar o projeto, foi também socializada com a comunidade escolar, o que fez com que os alunos pudessem apreciar o resultado e se sentirem valorizados com a divulgação e o reconhecimento de colegas e responsáveis. Para isso, foi realizado um café coletivo e as duplas de alunos-entrevistadores relataram a experiência, contaram sobre o seu entrevistado e o que aprenderam sobre o gênero entrevista.

Observamos que o conhecimento adquirido a partir do projeto, principalmente na escrita, foi replicado na produção de outros gêneros acerca do planejamento, da reflexão sobre a escolha da linguagem formal ou informal de acordo com o interlocutor, da atenção à função social dos gêneros, do suporte e público-alvo leitor, contribuindo para a análise textual e discursiva.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho intitulado “Projeto entrevista: uma alternativa de letramento por meio de gêneros discursivos” teve a intenção de ampliar o conhecimento acerca do gênero entrevista e usar a leitura e escrita em um contexto real de comunicação, refletindo sobre sua função social. A ideia era complementar e inovar o currículo do Estado de São Paulo possibilitando a aprendizagem para além da escola, como uma prática de uso, num espaço diferente da sala de aula e com interlocutores reais. O envolvimento e participação ativa dos alunos não seriam tão grandes se tivéssemos ficado nas páginas do livro didático, por exemplo. Trata-se de uma escolha do professor criar alternativas para melhorar o aprendizado do aluno e ressignificar as atividades de leitura e escrita, com vistas ao letramento para a vida. Essa não é uma escolha fácil, pois um projeto dá trabalho, envolve muitas pessoas, muito tempo e planejamento, além de recursos materiais.

O professor, quando aceita o desafio, deve estar ciente de que terá que produzir o próprio material considerando seu público-alvo, seu contexto escolar, suas dificuldades e deve ter, também, consciência que o projeto não é seu, é coletivo, da turma, da comunidade escolar. No entanto, apesar do trabalho, os resultados são gratificantes e o envolvimento, a parceria e o ambiente de solidariedade são algumas das vantagens, o que diminui, sem dúvida, a indisciplina, as ausências e as reprovadas, pois há um estímulo muito particular quando temos um só objetivo a ser alcançado. Não podemos, contudo, deixar de trabalhar o currículo, e não é essa a intenção, mas podemos nos organizar para que os projetos ocorram em determinados bimestres, podendo ser de curto ou médio prazo, sendo que o importante é oferecer ao aluno a alternativa de aprender pela experiência, pelo processo do conhecer, fazer, aplicar. Quando tornamos concreta uma situação de aprendizagem ela não é só um tópico para a próxima prova, é um evento de letramento, onde há sentido para o uso da leitura e escrita, onde a escolha de determinada linguagem é compreendida, quando há, de fato, alguém real com que podemos nos comunicar.

O trabalho comprova que os projetos são uma boa alternativa para complementar os materiais didáticos e dar novo ânimo para a escola como espaço de letramento, melhorando o ensino de Língua Portuguesa, já que são uma

produção singular, e não uma reprodução. Tanto os alunos, quanto professores e comunidade escolar ganham, já que todos desempenham papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

Os resultados alcançados pelo desenvolvimento e aplicação deste projeto atingiram objetivos específicos como expor o aluno a uma situação real de comunicação por meio de um gênero discursivo, de modo que ele pôde se apropriar das especificidades da entrevista acerca da estrutura formal, da linguagem e sua seleção a partir do público-leitor, do suporte, da intencionalidade e função social, abordagem proposta pela teoria do letramento. Já, as atividades modulares, por meio da sequência didática, tinham o intuito de se distanciar da abordagem de materiais didáticos prontos e oferecer ao aluno uma relação autêntica de comunicação real, propondo leitura, análise e produção de textos realizados em um processo contínuo e corretivo até culminar na produção final. De modo que o protagonismo e a autoria foram desenvolvidos amplamente, através da reescrita e retextualização das próprias produções textuais, por meio da mediação direta do professor e colegas, num trabalho coletivo e altero.

Além do trabalho em torno do ensino de Língua Portuguesa com novas possibilidades por meio de uma metodologia significativa, o projeto possibilitou desenvolver a transdisciplinaridade, ou seja, a ampliação do espaço escolar por meio da parceria Escola Dalton-Lar Santa Teresa de Journet. Portanto, a metodologia de projetos colabora para ir além da teoria de sala de aula e efetivar a prática daquilo que se aprende na sala de aula, o que favorece o aprendizado com sentido para o aluno. De modo que o projeto e suas etapas não são reproduções de métodos prontos, trata-se, pois, de uma produção singular e única, que envolve um ambiente escolar específico, com objetivos também específicos, em torno de um objeto de ensino definido previamente.

Assi, a prática docente e suas estratégias de trabalho são pontos de reflexão durante todo desenvolvimento do projeto. O professor-mediador necessita ter conhecimento sobre a teoria aplicada, portanto permanece em constante estudo para melhor elaborar e conduzir as etapas do trabalho, com consciência e competência para propor acertos e modificar os rumos. Trata-se de um trabalho coletivo de parceria que envolve muitos membros da comunidade escolar

auxiliando, por meio de uma atmosfera colaborativa, o desenvolvimento do projeto, colaborando para atingir resultados positivos, ressignificando o trabalho em equipe, o papel da escola e do professor, e o ensino de língua materna.

O trabalho com projeto comprovou ser uma alternativa também voltada para a questão social, pois aproximou crianças e idosos, através do gênero discursivo entrevista, provocando reflexões e questionamentos, alimentando debates sobre a temática do espaço do idoso no Brasil, das políticas públicas pouco eficazes, do abandono familiar. Motivou, também, a solidariedade, concretizada na arrecadação de itens alimentícios, de higiene e limpeza para doação ao Lar. Ação que mobilizou outros anos/séries, a comunidade do entorno da escola, agregando valores fundamentais para uma vida em sociedade mais justa, mais igual, como a alteridade, o respeito ao próximo e a cidadania.

É possível afirmar que um projeto de letramento, quando conduzido de modo consciente, é eficaz para o ensino de um gênero discursivo, como também para viabilizar uma abordagem mais crítica focada no protagonismo e autonomia do aluno, favorecido pela aprendizagem num contexto real de comunicação social, num trabalho que é de todos os envolvidos e, por isso, alcança resultados positivos. Não se trata de atividades para serem cobradas em avaliações e provas, mas de um trabalho coletivo com vistas a um produto final embasado na realidade, com função social definida e compreendida pelo estudante, necessitando de mais estudo e tempo do professor em comparação a replicação e reprodução de conteúdos fragmentados de materiais didáticos, mas os resultados e a satisfação são, também, proporcionais ao trabalho e dedicação dispensados por ele.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M.N.C.P. *Dewey: filosofia e experiência democrática*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1990.

BAHKTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. O discurso no romance. In: *Questões de estética e de literatura*. 3.ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

_____. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra – São Paulo: Editora 34, 2016 (1ª edição).

Caderno do aluno: língua portuguesa, ensino fundamental – 7º ano, vol.2/Secretaria da Educação. – São Paulo: SEE, 2014.

CARETTA, Álvaro Antônio. *As formas da canção nas diversas esferas discursivas da comunicação*. In: V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, São Paulo, 37 (3): 17-24, set.-dez. 2008.

CUNHA, Marcus Vinícius da. *John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula*. 6ª. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DEWEY, J. *Democracia e educação*. São Paulo: Nacional,1959. . [Tradução Anísio Teixeira]

DEWEY, J. A criança e o programa escolar. In _____. *Vida e educação*. 7.ed. São Paulo: Melhoramentos,1971. [Tradução Anísio Teixeira]

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1994
Disponível em < <http://www.espacoeducar.net/2012/08/frases-e-citacoes-de-emilia-ferreiro.html> > Acesso em novembro de 2017

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bahktin. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

Guedes Caputo, Stela Sobre entrevistas : teoria, prática e experiências / Stela Guedes. — Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.

INAF 5º Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional Um diagnóstico para a inclusão social pela educação [Avaliação de Leitura e Escrita], 2005.

Disponível em: <<http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/10/inafresultados2005.pdf>> Acesso em novembro de 2017

KATO, Mary. O Mundo da Escrita uma Perspectiva Psicolinguística. Ed. Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita*. Campinas: Mercado das letras, 1995.

MEDINA, Cremilda Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Vozes, 2002.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Educação e Letramento. São Paulo: UNESP, 2004.

Notícias sobre letramento no Brasil. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/html>> Acesso em setembro de 2017.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997.

Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>.> Acesso em outubro de 2017

RIBEIRO, Vera Mesagão (org.). Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001– São Paulo: Global, 2003.

RODRIGUES, Amélia. Poema de gratidão, 1962.

Disponível em <https://www.pensador.com/autor/poema_de_gratidao_amelia_rodrigu_es_divaldo_pereira_franco/> Acesso em novembro de 2017

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola /** tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. -- Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2002. [Reunião de oito artigos publicados entre 1985 e 1998].

_____. Letramento e escolarização. In_____. Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001/ organização Vera Mesagão Ribeiro. – São Paulo: Global, 2003.

STREET, Brian V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TELLES, J. A. “É pesquisa, é? Ah, não quero não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem & Ensino*, Vol. 5, No. 2, 2002.

TFOUNI, Leda Maria V. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988

ANEXOS

(Entrevistas manuscritas)

1

Uma entrevista com A, morador de asilo.
Morador de San Santa Teresa de Gernét conta
como foi suas histórias no passado.

A é um senhor de 65 anos que nasceu
em Combará - PR, seu pai era Isou e sua
mãe Rosalinda, ele teve nove irmãs e
estudou até o 3º ano, trabalhou de motorista
e na roça, é divorciado, mas tem três
filhos.

Escola Dalton: Como foi sua infância? De que
o senhor brincava naquela época? Você
tinha muitos amigos?

A: Não foi ruim não. Eu brincava de muitas
coisas: bolinha de gude, pipa. Sim, tive
muitos amigos.

ED: Como era a vida do senhor com seus
pais? Eles eram carinhosos ou eram
rígidos demais? Quando vai aprender, que
quais as consequências?

A: Era mais ou menos, não era boa nem
ruim. Eles não batiam em mim, conversavam
só, davam bronca.

ED: Naquela época a escola era boa?

A: Ah... Naquela época a escola era ruim, longe
e para rico.

ED: O senhor trabalhou desde pequeno?

A: Desde os nove anos, porque naquela época era difícil, tinha que trabalhar desde pequeno para ajudar em casa.

ED: Naquela época vocês, jovens, se divertiam, havia bailes ou festas?

A: Sim, havia muitos bailes e festas, para comer, beber e dançar.

ED: Como era o natal, páscoa naquela época?

A: Não tinha nada de mais, nem presentes, não tinha essas coisas, era tudo normal; um dia normal.

ED: Como o senhor conheceu sua esposa? Ela era carinhosa?

A: Eu conheci ela na roça. Sim, ela era muito carinhosa.

ED: Foi difícil criar seus filhos?

A: Foi fácil, pois eles não apertaram e nem faziam bagunça.

ED: Seus filhos vêm visitá-lo? Você sente falta deles?

A: Não, eles não me visitam. Sim, porque é triste não ver seus filhos. Mas desejo que estejam bem.

ED: O senhor acredita em Deus? Você acredita que Ele fez algo de especial em sua vida?

A: Acredito em Deus. Não, nada de especial.

ED: Em sua vida aconteceu fatos que o senhor nunca vai esquecer?

A: Sim, claro, eu perdi as minhas duas pernas, não dá para esquecer, é triste.

ED: Se você tivesse chance de voltar ao passado o que o senhor faria de diferente?

A: Eu não voltaria, porque foi muito difícil e hoje é pior, porque eu perdi as pernas, por causa do diabetes, que acabou a circulação e teve que tirar.

ED: Obrigado pela conversa!

A: Eu que agradeço.

Escola Dalton
Lurinhos - SP

Entrevista com idosos

Theradora do Lar Santa Teresa de Jornet responde a perguntas.

A senhora B, de 64 anos, já trabalhou em frigoríficos, corte de carne e na empresa Heia Lupo, filha de João Pereira dos Santos e Antina Pereira, divorciada, duas filhas e três netos.

E. D: Como foi sua infância, tinha muitos amigos ou não?

B: Tinha sim, na fazenda, quando chegava à noite não tinha o que fazer, iam todos brincar na colônia, aquela criançada toda junta.

E. D: Quais brincadeiras que haviam, eram muitas ou poucas?

B: Muitas; Boca de forno, Cantiga de roda, pega-pega, pique, pular no rio, quem pulava mais alto das pedras.

E. D: Como eram seus pais? Eles eram braves quando você apontavam, que tipo de castigo recebiam?

B: Bons, a minha mãe fazia nós fazermos serviço três dias: arrumar a cama e lavar roupa, só.

E. D: Você e seus irmãos tinham um bom relacionamento com seus pais?

B: Tinhamos, era preciso.

E. D: Como são seus filhos, eles vêm ver a senhora frequentemente?

B: Desde que eu estou aqui em meio, o outro não, porque ele trabalha em Presidente Prudente no radar. O que mora aqui perto veio uma vez só, mas ele trabalha também lá no Parcelal Erentor e Sartar, [†] Tibério e nome dele é Bruno Henrique e apelido dele é [†] Tibério, porque lá todo mundo tem apelido.

E.D: Como conheceu seu marido? Como era o namoro na sua época?

B: O namoro na minha época era sentado no sofá com o pai olhando. Eu conheci ele dentro do cemitério do São José, depois de dois meses eu casei, vestida de noiva.

E.D: Você estou? Como eram suas metas, você era uma aluna? Até que péis você estudou?

B: Éa, nunca repeti de ano. Naquela época eles falavam 10 pra cima não tinha outro, aí eu tirava só 10. Que pena que eu não pode estudar, porque aquele tempo depois de cinco anos o pai tinha que pagar, e meu pai não podia.

E.D: Quais eram as comidas, almoços de domingo e dor demais dia da semana?

B: Em casa não tinha dia para comida boa quando tinha comprava, porque quando a gente quer comer uma comida gostosa tem que comer, porque não sabe se no outro dia vai estar vivo para comer, minha mãe era assim, porque era muito religiosa.

E.D: Qual é a sua religião? O que Deus significa para você?

B: Católica. Tudo na minha vida.

E.D: Você se lembra de algum momento inesquecível da sua vida? Pode contar?

B: A morte da minha mãe, quando ela morreu saí um pedaço de mim, até hoje eu penso nisso.

E.D: Qual sua comida preferida?

B: A que tem eu como. Gosto de comer bastante (risos)

E.D: A senhora gostaria de deixar alguma mensagem para os

Jovens de hoje?

B: ser fiel aos colegas, não discutir com a mãe e o pai, precisa estudar bastante para ser alguém na vida.

E. D: Muito obrigada.

B: Foi um prazer!

Escola Dalton
Auxílios - SP

Entrevistando uma querida idosa.

Um dia de muita conversa boa com sena y
No Lar Santa Teresa de Jarnet.

A idosa g. a 88 anos, nasceu em São Paulo, estudou até o 3º ano, trabalhou de doméstica e viuva e tem sete filhos e oito netos. Hoje mora no Lar Santa Teresa de Jarnet em Curitiba - SP. Parece feliz e tem boa aparência, também mostrou que estava com as memórias em dia.

Escola Dalton: Na sua infância onde a senhora brincava na cidade ou no sítio?

G. Eu brincava no sítio e depois fui brincar na cidade.

Q.D.: Na sua infância a senhora brincava na sua rua com seus colegas?

G. Sim, bastante. Gostava de brincar de correr, de roda.

Q.D.: Na sua infância qual a brincadeira que a senhora mais gostava.

G. gostava de pular corda, sempre gostei.

Q.D.: A senhora aprendia muito do seu Pai? Por quê?

G. Sim, porque não o obedecia muito, era travessa.

É. D.: A senhora gosta de alguma matéria?
Qual?

G. Sim, de matemática era a que eu mais gostava.

É. D.: A senhora estudou? Como pai?

G. Sim, pai muito legal e proveitoso.

É. D.: A senhora gostava de seus professores?

G. Sim, sempre gostei dos meus professores, eram muito exigentes, mas também generosos.

É. D.: A senhora gostava do seu trabalho de enfermeira?

G. Sim, sempre gostei de cuidar das pessoas e de facilitar sua vida.

É. D.: Quer deixar uma mensagem para as jovens?

G. Sim. Escute as boas conselhos e valorize a vida.

É. D.: Obrigada pela entrevista.

G. Foi muito bom participar...

Escola Valton
Curitiba - SP.

Entrevistando um amigo de 78 anos
O senhor D é morador da fazenda Lapa
de Jareiz, conto como foi sua vida.

O entrevistado D nasceu em Salto Grande - SP
em 1938 e foi criado por seus pais e tinha três
irmãs, hoje em dia ele possui um filho e três
netos.

Escola: Na sua infância, o senhor viveu em
sitio ou cidade? Como foi?

D: Vivi em sitio, no des , foi bom.

Escola: O senhor lembra quais eram as
brincadeiras que as crianças daquele tempo
brincavam? E quais o senhor mais gostava?

D: Na minha infância? Brincávamos de duque e futebal
e eu tinha muitos amigos, mais não gostava de brincar.

Escola: Seus pais, naquela época, eram católicos?
O senhor tinha irmãos? Seu relacionamento
com sua família era agradável?

D: Eram sim, mamãe e papai eram muito carinhosos
Eu tinha três irmãs, mas morreram todas e minha
família era muito agradável, e eles eram gaúchos e
italianos.

Escola: O senhor estudou até que série?
Estudou muito? A escola era perto da
sua casa?

D: Até 4ª série, olha eu era bastante estudioso, a escola

era perto eu ia a pé mesmo, era no outro esquina.

Escola: Em que tipo de serviço o senhor trabalhou? Com quantos anos o senhor começou a trabalhar?

D: Eu era eletricitista, eu tinha uns 17 anos quando comecei a trabalhar.

Escola: Como foi a cerimônia do seu casamento?

D: Tinha festa e eu casei no igreja de palitá, foi boa, muita gente.

Escola: Algum filho do senhor nem visitá-lo?

D: Sim, ela mora em Spausse e ela nem me visitar esse final de semana ela vai vir.

Escola: Qual a religião do senhor?

D: Sou católico, eu gosto de assistir a missa todo hora.

Escola: Qual momento com sua família que mais marcou sua vida?

D: Todos os momentos foram muito bons, não tem um principal.

Escola: O senhor é bem tratado aqui? Se pudesse mudar alguma coisa em seu passado o que mudaria?

D: Sou sim, Não, porque o que aconteceu era pro acontecer mesmo, eu aceito.

Escola: Obrigado pela conversa.

D: Foi um prazer!

Escola Dalton
Juvanhos - SP.

Relembrando a vida

O Senhor E. mora no lar Santa Teresa de Gornet há 25 anos, e feliz e topo bater um papo conosco.

O Senhor E já está no lar há 25 anos e tem uma única filha que o visita frequentemente. O idoso apresenta boas características e boa memória, tem 79 anos e é casado.

Revista Dalton: Como era sua infância? sua infância era boa? Se fazia seus próprios brinquedos? Quais eram? Que material usava?

Senhor E: Era boa, eu não fazia brinquedos, brincava ao ar livre, de correr.

E.D: Seus pais eram braveros? Batiam no senhor ou castigavam? por quê?

S.E: Não, por que eu não ero bagunceiro, era tranquilo e por isso não apanhava.

E.D: Como era a escola naquela época? você apanhavam do professor?

S.E: Eu não apanhava por ser um bom aluno, mais meus colegas apanhavam.

E.D: Seu trabalho era bom? Por quê?

S.E: Sim, porque eu gostava muito do meu serviço na roça

E.D: Vocês saíam para namorar e seus pais deixavam? Como era o namoro naquela época?

S.E: Não, era dentro de casa, muito vigiado e com todo respeito.

E.D: Seus filhos vêm te visitar sempre?

S.E: Nos finais de semana eles vêm me ver.

E.D: O que o senhor acha que devia mudar no Brasil a respeito do idoso?

S.E: No arilo, deveria Homem cuidar de nós, e não mulher. Eu não aprovo esse jeito

E.D: Você crê em Deus? isto é importante, na sua opinião?

S.E: Sim, porque é importante crer em Deus para aceitar os desafios da vida

E.D: Obrigado pela conversa!

S.E: Imagina, eu que agradeço.

Escola Dalton
Luzinhor-SP

Um bate-papo animado para lembrar o passado.

Idosa de 89 anos conta sobre suas experiências de vida.

A entrevista foi concedida pela senhora F. de Duase, 90 anos, enfermeira aposentada, estudou até a 1ª série, solteira, nunca teve filhos e morava em Volta Grande - SP atualmente mora no Bar Santa Teresa Jornet e parece feliz.

Escola: Qual e o cheiro que marcou sua infância? Por que?

F: Laranja e maciça, era o que a gente tinha no quintal, uma delícia.

Escola: Como eram as brincadeiras? A senhora tinha brinquedos?

F: Inventadas, eu não tinha brinquedos, mas mesmo assim brincava bastante e me divertia.

Escola: A senhora teve uma infância feliz?

F: Sim! Tive uma infância feliz, simples, mas muito boa.

Escola: A senhora morava com seus pais ou com outros membros da família?

F: Com a mamãe e com meus irmãos.

Escola: Como era o relacionamento com sua família?

F: Era bom. Tranquilo e em paz, sempre nos gostamos muito.

Escola: Como era para se divertir quando a senhora era moça?

F: Quase não tinha nada, nem cinema, nem festas. Às vezes, havia quermesse na igreja.

Escola: A senhora frequentou a escola? Era legal?

F: Estudei pouco, fui até a 1ª série. Mais ou menos, a professora era brava.

Escola: Como eram os relacionamentos amorosos naquela época?

F: O namoro era como hoje, só que mais respeitoso, não tinha bagunça, era levado a sério.

Escola: Qual sua religião? É importante acreditar em Deus?

F: Espírita. Muito importante crer em Deus, pois nos fortalece e dá força.

Escola: Você viveu momentos inesquecíveis, certamente. Quais foram eles?

F: Muitos momentos felizes e tristes, faz parte da vida. O que me marcou foi a morte de minha mãe, sinto até hoje.

Escola: De que sente mais saudade de seu tempo de criança?

F: Ah, do meu rancho e da minha cachoeira... tempo feliz.

Escola: Agradecemos a conversa!

F: Foi um prazer!

Fonte: Escola Dalton
Ovrinhos.

Um bate papo com D.F

D.F relembra os velhos momentos da sua vida.

Dona F. tem 72 anos de idade, nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo, filha de Eriqueiro e Tullia, tem 8 irmãos, é solteira e não teve filhos. Estudou e exerceu a profissão de Professora, a qual gostava muito.

ESCOLA DALTON: Como foi a infância da Senhora? A Senhora era feliz ou não? Por quê?

D.F - Eu não era feliz, não tive infância, eu brincava só com dois colegas, minhas vizinhas.

E.D - A Senhora fazia muitas brincadeiras antigamente? Como elas eram?

F - Sim, queimada, futebol, taco, esconde-esconde, pega-pega e várias outras brincadeiras divertidas.

E.D - Os brinquedos: A Senhora ganhava ou tinha que fazê-los? E como eram feitos?

F - Eu ganhava os brinquedos, mas também os fazia, eles eram feitos de madeira e papelão, caneta de fosforo, tecido.

E.D - A Senhora se dava bem com seus familiares? Como era seu relacionamento com seus pais?

F - Sim, eu me dava bem com eles, eles era bons, porque meus pais gostavam de mim, se preocupavam comigo e eu com eles.

E.D- Seus pais eram rígidos? Em que momentos?

F- Sim, eram, nos momentos em que eu fazia arte bagunçada.

E.D- Seus pais batiam muito na senhora ou a deixavam de castigo? Como era?

F- Eles não batiam em mim, e nos meus irmãos, eles só me deixavam de castigo. Eu ficava sem brincar com minhas colegas, que quase nem tinha.

E.D- É verdade que os professores de antigamente podiam bater nos alunos?

F- Sim, é verdade, antigamente se os alunos não fizessem a lição e fizessem bagunça apanhavam dos professores.

E.D- A senhora se dava bem com seus colegas? Fazia muitas amizades?

F- Sim, me dava bem com eles, mas não tinha muito amigos antigamente.

E.D- Era difícil as profissões de antigamente? Por quê?

F- Sim, porque não era como nos dias de hoje, antigamente era muito difícil de se arranjar serviços e eram trabalhos pesados, na roça, no sol.

E.D- E o namoro, como era antigamente? Os pais da senhora ficavam muito em cima?

F- Bom, eram muito braves não deixavam a gente sair com eles, diziam que se engravidássemos. Naquela época era muito feio.

E.D- Como o Brasil trata os idosos, na sua opinião?

O que a senhora acha sobre isso?

F- Eu acho que muitos são sem educação, não têm respeito com os mais velhos, falta carinho.

E.D- Qual a religião da senhora? A senhora acredita em Deus? O que é Deus pra senhora?

F- Sou católica e acredito em Deus. Deus é tudo pra mim, é minha vida, é minha salvação.

E.D- Tem algum momento que marcou a vida da senhora? Qual foi esse momento?

F- Tenho. No dia em que meus pais quase perderam tudo numa enchente que deu, muito triste.

E.D- A senhora tem um sonho que deseja realizar? Qual é?

F- Sim, tenho, o meu sonho é que eu volte a morar com meus pais novamente, mas é só mais um sonho...

E.D- Agradecemos sua atenção.

F- Foi um prazer conversar com vocês!

ESCOLA DALTON
OURINHOS - SP.

Entrevista emocionante em
asilo

Senhor H conta sobre o
seu Passado

Senhor H de 79 anos que
não lembra onde nasceu, tem dez
irmãos, duas filhas e 1 neto. O
nome do seu pai era Ambrósio
e o nome da mãe era
Albina. O senhor Arnaldo trabalhava
de motorista e estudou até
o 4º ano, ele é viúvo e
mora no Lar Santa Teresá
de Jorner.

Escola - O senhor gostava de
brincar na sua infância?

H - Não, quando brincava era
de ler histórias.

Escola - Qual era a profissão
do seu pai?

H - Motorista

Escola - E sua mãe?

H - Ela era doméstica.

Escola - O senhor gostava de
estudar?

H - Gostava muito, é bom
aprender as coisas

Escola- O senhor tirava notas boas?

H- Mais ou menos, mas me esforçava.

Escola- Qual foi o melhor momento da sua vida?

H- meu casamento, fui muito feliz

Escola- É o pior?

H- Foi quando meus pais morreram, A gente não esquece, a dor fica.

Escola- Como era o relacionamento amoroso naquela época?

H- Era bom, mas tinha que haver respeito.

Escola- Como foi o nascimento de sua filha?

H- Foi parto cesáreo, operação, teve que correat a barriga da minha mulher.

Escola- O que marcou mais o senhor na vida?

H- que meus filhos passaram por muitas dificuldades e hoje minha filha é professora.

Escola- O que o senhor

acha da tecnologia, de hoje em dia?

H- Maravilhoso! O caminho é o estudo

Escola- O senhor gosta do asilo

H- Gosto sim, é tranquilo e tenho amigos.

Escola- Alguém da sua família vem visitar o senhor?

H- Sim minha filha.

Escola- Foi difícil acostumar aqui?

H- Não, porque é bem confortável!

Escola- Se o senhor pudesse voltar no tempo, o que faria?

H- Estudaria mais para ter mais oportunidades.

Escola- Que recado o senhor deixa para os jovens e adolescentes?

H- Que eles estudem mais, porque o estudo é mais importante.

Escola- Agradecemos a entrevista.

H- Foi um prazer!

Escola Dalton
Ourinhos-SP.

As grandes memórias de um Idoso.

Uma conversa com um idoso para saber como era o velho tempo.

O idoso I nunca foi casado com 68 anos e por isso nunca teve filhos, mora no Lar Santa Teresa de Fátima e às vezes dorme em um apartamento com um colega. É muito feliz e brincalhão, com um ótimo estado de saúde.

Escola Dalton.: Como foi sua infância? por quê?

I - minha infância foi muito legal, eu e meus amigos enfrentamos muitas brincadeiras, as que eu mais gostava era esconde-esconde. O único problema foi que eu subi um acidente, batei meu nariz que rompeu uma veia que é ligada ao cérebro e tomei remédio até hoje.

Escola Dalton: Seus pais eram muito rígidos com o senhor? O que eles faziam quando o senhor apontava?

I: Meus pais eram bem legais, não pegavam muito no meu pé, mas quando eu apontava eles me deixavam 15 minutos de folha no milho.

Escola Dalton: Como você e sua família se relacionavam? Havia mais amor ou desentendimentos?

I: A gente era muito carinhoso um com o outro. Todos ajudavam e não brigávamos quase nunca.

Escola Dalton: Você sonhou com qual profissão? Você conseguiu realizar? Por quê?

I: Eu queria ser médico, mas como não tive muita oportunidade.

idade de estudo, eu acabei trabalhando na lavoura.

Escola Dalton: Como funcionava o transporte antigamente?

I: Quando era para viagem curta, ia-se de caminhada. E se fosse longe, ia-se de trem.

Escola Dalton: Qual foi o momento mais marcante de sua vida?

I: Foi quando eu voltei para a escola, na 4ª série, lá na escola do pitão, e eu agradeço minha professora, que foi e é fabulosa, por tudo que fez por mim.

Escola Dalton: O que você mudaria em sua vida se pudesse voltar no tempo?

I - Eu teria continuado na escola, mas não tive condições, porque estava doente. Me arrependo, até hoje, de não ter podido terminar os estudos.

Escola Dalton: Obrigado pela conversa!

I: Disponha.

Escola Dalton
Juruínas - SP

Visita ao lar de idosos rende boa conversa. O morador E. do lar Santa Teresa de lembrou muitas histórias do passado na entrevista a seguir.

Conversando com um senhor do lar Santa Teresa idoso de 66 que nasceu em Florianópolis-SC, o nome de seus pais era Orlando Jesus dos Santos e de sua mãe era Maura Maria Passas dos Santos e tinha uma irmã, antes ele era cozinheiro e agora mora no lar Santa Teresa Jornet

Jornal Dalton: Como foi sua infância?
 O senhor tem saudades? De quê?
 E: Muito boa, tenho saudades de meus primos, das brincadeiras.

J: O senhor morava em sítio ou cidade, quando era criança?
 E: Na cidade, depois fui morar em sítio.

J: O senhor tinha alguma brincadeira preferida, qual era?
 E: Sim, brincava de bolinha de gude e futebol.

J: Como era o relacionamento com seus pais? E seus irmãos? Ha castigos quando fazia algo de errado?
 E: Sim, com meus pais era bom, com a

minha irmã também. Sim, havia castigos, ficava no quarto sem poder sair de casa.

J: Como era o almoço de domingo? Quais eram os pratos servidos?

R: Era bom, tinha frango coqueado com milho verde ou sopa de mandioca.

J: O senhor encontrou o grande amor de sua vida? Como era o nome dela?

R: Não, só namorava, mas não me apaixonei por ninguém, infelizmente não me casei.

J: Quanto tempo vocês namoraram antes de pensar em casar?

R: Eu namorava uns seis meses e ia morar junto, não cheguei a casar, como disse antes.

J: Qual a diferença do namoro de antigamente para o de hoje em dia?

R: O namoro era assim, as pessoas namoravam na casa ou no quarto, mas sempre o irmão da moça ficava junto. O namoro de hoje não tem mais respeito, o de antigamente tinha.

J: O senhor teve filhos?

R: Não cheguei a ter filhos.

J: O senhor crê em Deus? Qual sua religião?

R: Sim, creio muito. Eu sou católico.

J: Conte um momento inesquecível da sua vida?
 E: Tive dois momentos inesquecíveis, quando entrei na escola de Lambaraí e quando fui pra praia e vi o mar.

J: O senhor acha que os filhos cuidam de seus pais direito?

E: Para mim, como não tenho filhos, acho que cuidam ou, pelo menos, deveriam cuidar, é um dever.

J: Como o senhor quer ser lembrado?

E: Quero ser lembrado como alguém que tem muito alegria de viver.

J: Que recado o senhor deixa para os jovens?

E: Respeite seus pais e não usem drogas.

Escola Dalton: Obrigada pela entrevista!

E: Por nada!

Escola Dalton
 Curitiba S.P.

Conversando sobre o passado com o entrevistado C
 Visita ao Lar Santa Tereza de Jornet
 rendeu muitas lembranças do Passado

O entrevistado C, ♀, nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo. Tem 6 irmãos, trabalhou na roça e é viúvo, tem quatro filhos e seus pais eram Pedro Tomás e Maria Albertina. Ele estava feliz, com boa aparência e com boa memória.

Fazendo o Bem: Como foi sua infância? Boa ou ruim? Porquê?

Entrevistado C: Boa, porque era divertida.

F. B.: Quais eram suas brincadeiras favoritas em sua infância?

E. C.: Eu gostava muito de brincar era de bolinha de gude.

F. B.: Em sua infância como eram seus domingos?

E. C.: Passávamos o domingo brincando no sítio, rolando na Terra, não tinha como ir para a cidade.

F. B.: Seus pais eram carinhosos ou braves? Você tem boas lembranças deles?

E. C.: Meu pai era feroz, bebia pinga, a gente se lembra e não é bom.

F. B.: Você e seus irmãos se davam bem?

E. C.: Nós brigávamos muito, discutíamos.

F. B.: Como foi sua vida amorosa? Tinha muitas

Namoradas?

E.C.: Eu só tive duas namoradas, uma que eu namorei tempo e a minha esposa.

F.B.: E você e sua esposa como se conheceram?

E.C.: Ela morava perto de casa e foi lá em casa algumas vezes, daí nos aproximamos.

F.B.: De seus filhos quantos são homens e quantos são mulheres?

E.C.: São dois homens e duas mulheres.

F.B.: Eles ainda estão vivos?

E.C.: Não, dos quatro dois já morreram, um homem e uma mulher.

F.B.: Algum deles ainda vem visitá-lo?

E.C.: Vem sim, minha menina mais nova ainda vem de vez em quando, ela mora aqui perto.

F.B.: Na sua casa tinha água encanada? Onde vocês buscavam água?

E.C.: Tinha nada, nós buscávamos água em uma mina próxima do sítio, com varillas.

F.B.: Você tem fé em Deus?

E.C.: Tenho, eu até conto às vezes aqui na igreja.

E.D.: Agradecemos sua colaboração.

E.C.: De nada.

Escola Dalton
Quirinhos - SP.

Uma entrevista sobre os velhos tempos.
 A embalagem inesquecíveis e um bom papo com o senhor A.

Entrevistamos o senhor C, 67 que nasceu na cidade de Pitangueira, filho de Manoel e de João, sua profissão era capinar café no roça. Ele nos conta um pouco das suas experiências de vida.

Escola Dalton: Como era a infância do senhor?

Dr. C: Não tive infância, passei quase toda minha infância capinando café, trabalhando na roça.

E. D.: Seus pais eram muito rígidos com o senhor?

Dr. C: Não! eles eram bons amigos.

E. D.: Como eram as brincadeiras antigamente?

Dr. C: Era contar rodo, passar Felipe e passar anel, mas a maioria das vezes eu passava a maior parte do tempo na roça.

E. D.: Como era a namora antigamente?

Dr. C: A gente tinha que ficar perto dos pais, e tinha o horário certo para nos ver e ir embora para casa.

E. D.: O que o senhor acha do governo de hoje em dia?

Dr. C: O governo está bom, mais poderia melhorar.

: De qual religião o senhor é?

Dr. C: Bem, antes eu era crente e daí eu vi que não importa ser crente ou católico, Deus é um só, então eu voltei a ser católico.

: O que é ter fé para o senhor?
 Sr. L.: É pra mim, é acreditar em Deus.

: Em que ponto da vida o senhor voltaria se fosse possível?

Sr. L.: Eu voltaria em tudo, se fosse possível (risos)

: O que é mais importante na vida para o senhor?
 Sr. L.: É ter saúde.

: Agradecemos pela entrevista
 Sr. L.: Foi um prazer!

} Jermal Dalton
 Curitiba - SP

Voltando no tempo com Senhor "B"
Um papo gostoso para falar da vida e do passado.

Senhor "B" tem 77 anos, nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo, seu pai se chamava Pedro e sua mãe se chamava Maria Albertina, tem 6 irmãs, não foi para a escola, é casado e tem 4 filhos, mas não tem netos. Está muito feliz e mora atualmente no Lar Santa Teresa de Jarnet.

Escola Dalton: Como foi sua infância, foi boa ou ruim? Porque?

B: Foi boa, eu tinha muitos amigos se pudesse vel teria no passado. Foi boa porque eu brincava e tinha muitos amigos como companheiros.

E.D: Você teve muitos amigos?

B: Tenho muitos amigos e tenho até hoje, graças a Deus.

E.D: Qual é sua comida favorita?

B: Minha comida tem que ser mesmo arroz e feijão.

E.D: Como era sua família?

B: Minha família era muito boa. Graças a Deus muito amorosa.

E.D: Como era sua relacionamento com os seus pais?

B: Quando eles estavam em casa conosco tinhamos umas conversinhas, algumas brincas.

E.D: Seus pais eram Rigidos? Havia castigos naquela época?

B: Meu pai bebia e era bravo, e não havia castigos na minha época a minha mãe botava a gente para correr.

E.D: Os professores era Rigidos?

B: Não estudei, não pude estudar.

E.D: Se você pudesse escolher sua profissão qual seria?

B: Nenhuma, não quero trabalhar. Os irmãos daqui querem que a gente aprenda a ler depois de velho, pede?

E.D: Como você conheceu sua esposa?

B: Conheci minha esposa no trabalho, no roça.

E.D: Como era seu relacionamento com sua esposa?

B: Era da familia, tranquilo e respeitoso

E.D: Foi fácil criar seus filhos? Porque?

B: Foi médio porque depois que ela

marreu foi difícil quem criou foram meus irmãos.

E.D: Eles vêm visitá-lo?

B: Vêm sim, quando dá.

E.D: O senhor acha que as pessoas idosas são respeitadas?

B: Espero que sejam, eu sou.

E.D: Porque é importante crer em Deus?

B: Eu creio. Porque ele é muito Bom, nos auxilia.

E.D: Você teve alguns momentos inesquecíveis? Pode conta-lo?

B: Tive, mas não lembro detalhes para conta-lo.

E.D: O senhor tem alguma coisa que ainda queria realizar?

B: Não, porque já realizei todos os meus desejos.

E.D: A vida de hoje é melhor ou pior que antigamente, na sua opinião? Porque?

B: Melhor. Porque antigamente as crianças eram forçadas a trabalhar desde cedo e não podiam estudar, brincavam pouco.

Escola Dalton
Curitiba - SP.

Entrevista com um novo amigo

Um bom bate-papo com senhor D, conversando sobre o passado e o presente

Escola Dalton entrevista senhor D, de 85 anos, nascido em Minas Gerais (Montes Claros), filho do senhor Siproiano e da Dona. Josina, possui 12 irmãos, nunca estudou, trabalhou na Roça, e agora é um homem divorciado e mora no Lar Santa Teresa de Jornet.

Escola Dalton: Como era sua infância, era feliz ou triste? Por que?

D: Foi, sofrida, bastante pobre e com muita dificuldades, me faltava tudo

E.D.: De que você mais gostava de brincar? Com quem brincava normalmente?

D: Eu brincava com meus primos, corria, subia em árvores, nadava em rios, caçava passarinhos, mas depois parei.

E.D.: A condição de vida de sua família era boa ou ruim?

D: Morei no sítio, na fazenda, eu mexia com criação e eu tinha uma vida muito humilde.

E.D.: O senhor tinha uma boa convivência com seus pais? Eram carinhosos?

D: Eu tinha uma boa convivência, minha mãe não doitava ninguém me bater, era uma casa de amor e carinho, embora fosse pobre demais.

E.D.: Seus pais eram rígidos quando você fazia algo errado? Eles te batiam?

D.: Meu pai era bravo, me batia muito de reiço, tenho sinais no corpo até hoje, mas minha mãe não gostava do que ele fazia, mas não podia impedi-lo

E.D.: Você chegou a estudar?

D.: Nunca estudei na minha vida, não tive a chance.

E.D.: Era difícil estudar naquela época?

D.: Era difícil, pois não tinha escola perto e agente precisava trabalhar pra ajudar em casa

E.D.: Como era o namoro na sua época de mocidade?

D.: Antes tínhamos que pedir ao pai da moça primeiro para depois namora-la, era muito respeitoso

E.D.: Qual é sua religião?

D.: Minha religião é católica

E.D.: Que momento foi inesquecível em sua vida?

D.: Meu momento inesquecível foi quando me mudei para Bauru-SP

E.D.: Você é tratado bem aqui? Recebe visitas frequentemente?

D.: Sou muito bem tratado aqui, e recebo bastante visita.

E.D.: Como o senhor acha que os idosos deveriam ser tratados no Brasil?

D.: Eu acho que eles deveriam ser tratados com respeito e amor.

E. P.: Você quer deixar uma mensagem para os jovens?

D.: Que eles tomem muito juízo pela frente, e tenham muita saúde sempre.

E. P.: Agradecemos pela conversa!

D.: Espero que venham mais vezes.

Escola Dalton

Ourinhos - SP

Palmeirando em Buenos Inimigos com a irmã C

Um papo agradável sobre suas memórias boas e ruins.

C. irmã C de 89 anos, nasceu em São João - SP, filha de Joaquim Vicente e de Fortunata Rosa, teve 10 irmãos, estudou até o 1º colegial. Começou a freqüência de engenharia, o saltava e não teve filhos e morreu ativamente no São João Teresa de Jesus, em Juazeiro - SP.

Exato Dalton. Como foi sua infância? Boa ou ruim? Por quê?

C. Média, boa em algumas momentos e ruins em outros, pois tivemos palhas, mas também alegrias, alegrias de rir e de rir e rir para tomar banho.

ED. Você tem suas lembranças na infância? Gostava de brincar ou jogar?

C. Crianças, as brincadeiras, várias coisas comuns da vida, em jogos gostávamos de brincar ou jogar com algum ou qualquer coisa.

ED. Você tinha muitos amigos? Você tem contato com eles hoje em dia?

C. Poucos. Não, cada um foi para um lado, os outros não esperam.

ED. Seus pais eram amigos (bom)?

C. Não, meu pai não, minha mãe era um pouco melhor.

ED. Você lembra das castigas da antigamente?

C. Castigo era raro, minha filha o recebia era na guerra. (risos)

ED. Como era o relacionamento com os seus pais? Bom ou ruim? Por quê?

C. Era bom, porque nunca gostei, minha mãe era muito melhor, mas algumas de tudo para não gostar, algumas lembranças.

ED. Como eram as coisas antigamente?

C. Ué, minha filha, o primeiro ano que eu fiz valeu para 4 que algumas pessoas fizeram, porque foi muito bem, entendeu!

ED. O estudo era fácil ou difícil? Para quê?

C. Não, não era tão fácil não, foi difícil pra quem estudava começando tinha que pagar o livro e estudar em casa.

ED. Hoje em dia você acha que tem mais oportunidade nos estudos?

C. Oh, com certeza, no geral hoje o trabalho, antigamente era estudar quem tinha dinheiro, quem pudesse estudar para ser professor ou para um trabalho de comércio, ficavam durante o tempo todo nos livros e, das férias, só saíam quando terminavam os estudos.

ED. Você era feliz com as suas realizações? Dava para sustentatar suas famílias?

C. Eu não, com as realizações do hoje não fico mais, não amo. Sim, dava para o sustento.

ED. Como era quando as pessoas ficavam deitas?

C. Quando eu não era engravidada, lá no salão, outras gente cuidava da maneira de cobrir, vendiam coisas e outras coisas, entendeu? E as roupas vendidas da Yarnóia.

ED. Como era as sobriamente ensinado antigamente comparando com de hoje?

C. Antigamente era mais exigido não tinha que ter mais poder, mais respeito consigo mesmo, porque hoje não de qualquer jeito, antigamente não, as pessoas se davam o respeito.

ED. Quanto tempo você morou?

C. Nem sei, quatro anos.

ED. Como era os pais da antigamente?

C. Conheço a natureza das pais, meu pai, foi sempre, apesar de ter falado pouco enquanto tempo com ele, tinha problemas e foi muito com a família dele se trata a maioria no hospital, eu era pequena quando ele falou, eu tinha sete anos, mas em pais da maioria geral com amarguras.

E.D. Você está em Deus? Em que momento da sua vida você começou a ser em Deus?

C. Com certeza, em várias vezes a minha filha.

E.D. Um momento da sua vida que marcou sua vida?

C. Momento da minha vida que me marcou foi a paixão realmente minha esposa de uma paixão, não sei, tem que ser no Japo para não esquecer.

E.D. Você está feliz antigamente ou pensa a vida do Japo pensando aqui?

C. Minha vida nunca mudou, talvez o modo de pensar.

E.D. C. Parece que você deu um exemplo para os jovens do Japo?

C. Está falando, tem dia de Japo, o exemplo começa mesmo os nós não se dá o exemplo, quem não exemplo nós? Então, nós tem que dar exemplo a nós mesmo, não ser jogado dos exemplos dos outros, tem que manter própria e ter a certeza que está certo.

E.D. Muito obrigado por saber sempre

C.S.P. De Todo!

Exato Dalton
Quem sabe - SP

Um Bate-papo para falar de passado

Uma entrevista de um omige muito especial

I, 56 anos, nascido em Florianópolis - SC, é um Senhor que tem a memória muito boa, estudou até o 1º grau e é muito inteligente, ele está solteiro, não tem filhos e mora atualmente no lar Santa Teresa de Jarmet, desde que ficou cego, há seis anos.

Escola Dalton: Sua infância foi feliz?

Seus Brinquedos, o senhor que Sr. fazia ou eram lembrados?

I: Sim, minha infância foi muito feliz, no mesmo tempo as pessoas faziam bem de vagar mãe seria perfeita, seria um amor rodinhas mais Tortinhas, mas eu gostava mesmo é das brincadeiras de jogar pião e de jogar bola de gude:

E.D: Seus pais eram rígidos? Você se dava bem com sua irmã?

I: A rigidez deles não era de bater, eles me colocavam na quarta, davam um caderno e me faziam escrever meu nome, dos avós as vezes pegavam um livro e me faziam ler e contar, quando tinha festa com meus amigos eu não participava, sim eu me dava muito bem com minha irmã.

E.D: A escola era longe de onde você morava?

I: Na casa, onde eu morava era no interior, a distância não era muito longa, eu ia com um grupo de Amigos à escola.

E.D: Qual era sua profissão? Você gostava dela? dava para viver bem?

I: Era Cozinheiro até eu ficar cego, mas eu ainda gordo ou cozinheiro daqui de lá. Sim eu gostava muito de minha profissão e dava para viver bem.

E.D: Como era o namoro naquela época?

I: Bem, se Jesse namorar com a moça tinha que ir à casa dele para pedir para seu pai, só podia ter relação sexual se Jesse casar com a moça, tinha os horários para namorar, não tinha esse negócio de ficar para dormir.

E.D: O senhor tem fé em Deus? Qual sua religião?

I: Sim, tenho muita fé em Deus, sou católico.

E.D: O senhor tem algum remédio realizado?

I: Ué, primeiro queria que no ano que vêm fosse aprovada um novo remédio que os cientistas estão preparando para os cegos. Meu remédio é tentar a ver contra

Dez.

E.D: Muito obrigado pela conversa!

I: Eu que agradeço pela prosa.

Escola Dalton
Jurubens - SP

Escola Dalton e a hora da Entrevista Uma conversa com o senhor G

Senhor G (65), nasceu em Itirapetina - SP em um sítio, trabalhava de comerciante e na roça e estudou até a 2ª série da primária. Hoje vive na Lar Santa Teresa de Garnet e parece um idoso satisfeito e alegre.

Escola Dalton = quais eram as brincadeiras na sua infância? Qual era sua predileta?
G = Era diferente, jogar bola e correr. A preferida era jogar bola.

E. D = Como eram seus amigos, eram legais?
G = Eram legais, eu tinha sete primos que eu gostava muito.

E. D = Qual era seu doce predileto? Tinha festas na sua casa.
G = Fubá e batata, doce caseiro e doce saipim. As vezes tinha almooça para festejar um casamento, um batizado.

E. D = Como era a convivência com seus pais, eram legais ou braves?
G = Eram bons e muito carinhosos.

E. D = Seus pais batiam em você de vez em quando?
G = Batia com varinha, chicote e deixo

de castigo atrás da porta e não podia sair, tinha que obedecer.

E.D = Como era a condição da seus pais, boa ou ruim?

G = Simples, mas nada faltava em casa.

E.D = Era difícil estudar, porque?

G = Era, porque era muito rígida, a professora batia e era ruim, a gente é que levava o lambuzinho para ele bater, acredita?

E.D = Onde a sr. morava?

G = na Sitio, era bom e tranquilo, no Pai plantava de tudo, qual a mãe faltava nada, rá bal, açúcar e quererele que tinha que comprar na cidade.

E.D = Ela que se lembrar queria trabalhar? Quando menina?

G = Naquela de fazer arroz e serviço de comércio?

E.D = Qual foi seu primeiro trabalho?

G = na casa, com 13 14 anos.

E.D = Quem foi sua primeira namorada?

G = O apelido dela era Jane e ela tinha 20 anos, ela já morreu.

E.D = Quantas filhas a sr. queria ter?

Erepla 2 lpten
Lurmhars-SP

18

Relembrando as velhas tempos
Um bate papa muito agradável com
remhor G

Senhor G tem 56 anos, nasceu em
Florianópolis - Santa Catarina, ele tem
boa memória. Seus pais são Orlando
de Jesus e a mãe é Moura Maria, ele
tem dois irmãos, estudou até o 3º grau
e metade do 2º grau. Sua profissão é
cozinheiro, ele é paleiro. Mora na lar
Santa Teresa de Journal.

Relembrando as velhas tempos, como
foi sua infância? Por quê? Como era os
brinquedos antes, faziam ou comprava?
Senhor G - Foi boa, com saúde, brincávamos
constantemente de bolinha de gude, carrola,
carro parade, fazíamos os brinquedos
também

Escola Dalton como era os pais antigamente?
Calmos ou rigidos.

G - Rigidos, para serem respeitados

E.D. - Como era a condição da sua
família?

G - Sempre moramos na pilis, não mais
faltava nada.

E.D.: ... Por que a senhor não terminou os estudos? Como foi estudar para a senhor?

G - Foi bom, acabei mais trabalhar é parei de estudar, foi um erro.

E.D.: - O que fazia para se divertir quando era jovem? Havia festa na cidade? Eram mimeradas?

G - Trabalhava, desenhava, tinha festa do igreja, quermesses e pens, eram mimeradas.

E.D.: - Como era a namorada no seu tempo?

G - Eram no posto-fixo ou fixado, morava lá das 13h a 33:00 e um io para seu caso.

E.D.: - Os pais ficaram alhande vocês namorarem?

G - Ficaram observando de longe. (Risos)

E.D.: - O relacionamento com seus pais era como? Bom ou ruim?

G - Eles queriam ver meu bem, havia carinho.

E.D.: - Como você acha que são tratadas hoje?

G - São tratadas bem. Porque cuidam de nossa saúde.

E. D. - Como era os transportes antigamente?
G. - caminhos de loi, charrete, carroças.

E. D. - Qual era seu brinquedo mais preferido?
G. - Balinha de gude.

Escola Dalton
Ourinhos - SP